

# Algumas Culturas Ceramistas, do Noroeste do Pantanal do Guaporé à Encosta e Altiplano Sudoeste do Chapadão dos Parecis. Origem, Difusão/Migração e Adaptação – do Noroeste da América do Sul ao Brasil

Eurico Theofilo Miller<sup>1</sup>

## Resumo

Nossa pesquisa por vínculos culturais materiais à *Fase Bacabal*, conduziu-nos até o *Período Formativo Antigo da Costa do Equador*: às *Fases Valdívía e Machalilla*. A *Fase Valdívía* que evoluiu no Óptimum Climático resultado de transgressão marinha, findou com ele devido a recessão marinha, que reduziu em muito o alimento dos brejos e mangues, mas não antes da *Fase Machalilla* se infiltrar e permanecer até 3.000 a.P. As datações *Bacabal* apontam para uma difusão/migração de *Valdívía* desde o litoral do Equador até o Pantanal do Guaporé-Brasil. Dos vínculos cerâmicos entre *Valdívía e Bacabal* o tipo *Exciso em Zona Ampla*, ou *Diminuta*, é a diferença entre *Bacabal* e *Valdívía*. Nas *Fases Aguapé e Galera-Brasil*, o tipo *Exciso em Zona Ampla* é uma das semelhanças entre a *Bacabal* e a *Aguapé*. O tipo *Inciso em Linha Escalonada* ocorre na *Valdívía* e na *Galera*. O tipo *Inciso em Arco Raiado* ocorre na *Machalilla* e na *Galera*. Com origem nas difusões, outras fases, surgiram ao longo do Chapadão dos Parecis. Os estímulos das difusões foram: (1) o Óptimum Climático, que avolumou a cadeia alimentar e a conseqüente pressão populacional; oposta à (2) regressão marinha com a semi-aridez severa, reduzindo a alimentação e a população, provocando entre os sobreviventes, dispersões e adaptações, por espaços com alimentos.

Palavras-chave: Arqueologia. Origem. Difusão. Evolução. Adaptação.

## Abstract

Our search for material cultural links to the *Bacabal Phase* led us to the *Early Formative Period of Coastal Ecuador: the Valdívía and Machalilla Phases*. The *Valdívía Phase* which evolved to the Óptimum Climático as a result of marine transgression ended with it due to the marine recession, which greatly reduced food supply in swamps and mangroves, but not before *Machalilla Phase* infiltrated and lasted until 3.000 a.P. *Bacabal* radiocarbon datings point out to the diffusion of *Valdívía* from Ecuador coastline to the Pantanal do Guaporé-Brazil. Among the ceramic links between *Valdívía* and *Bacabal* the type *Exciso em Zona Ampla*, or *Diminuta*, is the difference between *Bacabal* and *Valdívía*. As to, *Aguapé* and *Galera-Brazil*: the type *Exciso em Zona Ampla* is one of the similarities between *Bacabal* and *Aguapé*. The type *Inciso em Linha Escalonada* occurs in *Valdívía* and in *Galera*; the type *Inciso em Arco Raiado* takes place in *Machalilla* and *Galera*. Originating

---

<sup>1</sup> Doutor h. c. SAB Centro-Oeste.

in the diffusion others from Ecuador/Colombia coastline, other phases appeared around Pantanal do Guaporé and along Chapadão dos Parecis. Diffusions were stimulated by: (1) Óptimum Climático, which increased the food chain and consequent population pressure, unlike (2) marine regression with severe semidryness, thus reducing food supply and the population, leading survivors to scatter in search for food sites and to adapt.

Keywords: Archaeology. Origin. Diffusion. Evolution. Adaptation.

## Retrospectiva Introdutória

Há mais de 67 anos, então com 13 anos (1945) minha experiência contava com alguns cortes-testes executados em sítios arqueológicos no Nordeste do Rio Grande do Sul (Echeverria-Almeida 2012). Meu primeiro encontro memorizado deu-se numa fazenda de Carlos Steigleder em Rodeio Bonito-TQR, ca. 500m (a.n.m.m.), provocado pelos meus tios Felipe e Valdomiro; aparentemente não dei importância, pois tinha então ao redor de 3-4 anos, mas deve ter-me impressionado. Nos anos seguintes, a atração foi crescendo e lá encontramos um grande complexo de pequenos sítios, com líticos lascados de pré-ceramistas, cunhado no Pronapa como *Fase Camboatá*; líticos e cerâmica da *Fase Taquara* (nessa altitude não raro com cerâmica de oleiras *Tupiguaraní* incorporadas ao povo Kaingang). Um grande “buraco de bugre”, raro nessa altitude, servia de depósito para as ossadas do matadouro da fazenda. E foi assim que em 1960 ultrapassamos os 400 sítios, 101 sem cerâmica e 299 com cerâmica, cartografados no mapa que elaborei em 1952 e batizado de “Herman Von Ihering”. As coleções eram depositadas em caixas de sapato catalogadas, na “sapataria” do IPANORGS como pitorescamente era conhecido, envolvendo colaboradores escoteiros. E mais adiante (1962) aos alunos e professores do CIMOL onde lecionei. Revisitando a fazenda em 2004 encontramos a área dos sítios arqueológicos, desmatada e ocupada por um grande complexo budista.

Os livros sobre arqueologia, ciências da terra, ecologia e meio ambiente, etc. eram os da Biblioteca Pública e da UFRGS-Porto Alegre, que foram copiados e traduzidos; os cursos de extensão do gênero foram frequentados, e resultou que “puseram lenha na fogueira”. Em 1949 (17) meu salário como desenhista passou a me permitir a aquisição sem limite de livros principalmente de arqueólogos europeus.

## Do porquê deste trabalho

O normal é a evolução, da “campânula”, onde o começo ou princípio prossegue com o meio ou desenvolvimento e atinge a discussão e/ou conclusão. Tudo tem um começo cujo começo do começo é *incipiente*, um desenvolvimento e um final. Aplicando essa máxima à cerâmica dos 299 sítios oriundos de três culturas: a Guaraní agora *Tradição Tupiguaraní*; a Kaingang, depois *Tradição Taquara* e por fim *Taquara-Itararé*, agora nessa

segunda proposta, como *Subtradição Taquara* da *Tradição Taquara-Itararé*. E *Tradição Neobrasileira*, *Fase Monjolo* no RS (Miller 1967), *Fase Gama* no D.F., (Engea 1991a-c, 1992a-b) e *Fase Jarú* (Miller 1987b) cuja decoração plástica apresenta alguns traços assemelhados à cerâmicas afro-indígenas, de fases da *Subtradição Taquara*, e da *Colonização Ibérica*. As teorias e métodos da época usados individualmente ou por grupos de brasileiros formando escolas até ca. 1964, tiveram disponibilizado avanços na teoria e no método Ford (Ford 1957, UNIÓN Panamericana-OEA 1966, 1969), na terminologia (Chmiz 1966, 1969 e 1976) e na interpretação das seqüências seriadas (Meggers y Evans 1970, 1985). Mais especificamente, sem o conhecimento ou uso do método Ford, que possibilita perceber variações e sutilezas ínfimas tipológicas, não era e continua não sendo possível captar e seriar variações quase imperceptíveis, provocadas por oscilações climáticas e suas conseqüências. Pior, se não eram mensuráveis sem o método continuam não sendo, se não existiam por falta do método, ou depreciado por desconhecimento continuam não existindo. Então não podiam ser levados em conta; então em todo o território nacional a cerâmica continuava mostrando-se sem o estágio insipiente do “princípio original” sem origem no Brasil ou de origem desconhecida ou de outras paragens; ou pior, não fazia parte do rol de interesses. No entanto já desde 1948, no Brasil, em parte em dependências do Museu Goeldi, o casal de arqueólogos Clifford Evans Jr. e Betty J. Meggers que aperfeiçoaram o método Ford, preparavam seus doutorados sobre culturas do Amapá e da Ilha do Marajó, cujo desenvolvimento resultou na obra monumental de: Meggers, Betty J.; Evans, Clifford. *Archeological Investigations at The Mouth of The Amazon*. Washington, D.C., Bur. Amer. Ethnol. Bull. 167, 1957.

Nela, na parte referente à Ilha de Marajó, é apresentada a *Fase Ananatuba* da *Tradição Hachurada-Zonada* assentada entre ca. 3.411 (TL) e 2.930±200 a. P. (SI-385) (Prous 1992). O tipo de decoração *Hachurado Zonado* é apresentado como atributo da *Fase Valdívía* na segunda obra monumental de: Meggers, Betty J.; Evans, Clifford & Estrada, Emilio. 1965. *Early Formative Period Of Coastal Ecuador: The Valdivia And Machalilla Phases*. Washington, D.C., Smithsonian Contributions To Anthropology, V.1, 234p. Il.

Esta, resultante de pesquisas conjuntas, entre Emílio Estrada do Equador, Betty J. Meggers e Clifford Evans da Smithsonian Institution, desde 1954 (Echeveria-Almeida, 2012; Muñoz, 2012).

## **A busca pela origem e rotas de difusões, das cerâmicas, da agricultura e aldeamentos; dos Formativos Antigos de Valdívía e Puerto Hormiga**

O espaço físico desde a Costa Pacífica do Equador, com a cerâmica da *Tradição Valdívía* ca. 5870 [5620±250 (ISGC)] a.P. em Real Alto (Marcos y

Obelic 1998) à Costa Caribenha da Colômbia, com a cerâmica da Tradição Puerto Hormiga ca. 6130 (5700±430) a.P. em San Jacinto 1 [(Oyuela-Caycedo y Bonzani (2005); Reichel-Dolmatoff (1965)], é considerado como a origem do Período Formativo Antigo, desde onde se originaram e difundiram as cerâmicas que se dispersaram pelo Continente Pan-americano desde ao menos 6130 anos a.P. Na verdade a *Tradição Valdívica* aportou, com as etapas Incipiente e Formativo prontas, evoluídas, com seus atributos muito bem elaborados nos assentamentos. De onde chegou? Quando? Por quê? Como? As pesquisas sobre os indícios levaram à Ilha japonesa de Kyushu com a cerâmica *Jomon Médio* cujo estágio Incipiente, aconteceu desde ca. 14.000 - 13.000 anos atrás. Em ca. 6.300 a.P. *Jomon Médio* estava florescendo, quando a Ilha de Kyushu foi impactada pela erupção de proporções catastrófica do vulcão Kikai que a tornou inabitável por séculos, levando a população às migrações, que no litoral do Equador deu origem ao Período Formativo Antigo com a *Tradição Valdívica*, com as etapas Incipiente e Formativo plenamente desenvolvido quando ainda alóctone, e assim aportaram na costa ocidental americana (Machida y Arai 1983; Meggers, 2008). Estes foram os acontecimentos, pelo menos em parte, que deram condições de surgir no litoral pelo menos do Equador à cerâmica *Jomon* onde foi cunhada como *Tradição Valdívica*. Quanto à cerâmica da *Tradição Puerto Hormiga*, em San Jacinto 1 algo mais antiga, sobre outras cerâmicas pelo litoral Caribenho da Colômbia para o oriente, antes de traçar maiores conjecturas, penso que ainda falta o apoio de mais escavações extensas e intensas, datações e análises focando a decoração a serem apresentadas por publicações profundamente informativas e ilustradas como a de Meggers, Evans e Estrada (1965), e sem o que, não teremos as referências qualitativas e quantitativas suficientes. A *Tradição Valdívica* representa a cultura alóctone de *Jomon Médio* plenamente desenvolvida na época de sua migração para a América Ocidental, sendo o que a distingue dos demais formativos antigos autóctones já reconhecidos.

A economia na divulgação econômica não ajuda, na verdade pode ser até antieconômica porque não atinge o objetivo, antes prejudica a informação principalmente visual. Publicações recheadas com mais imagens fotográficas à cores e detalhadas, em quantidade, além de desenhos, além dos textos, é a linguagem universal que todos entendemos. Lembremos, apesar de alguns discordarem, uma ótima imagem vale por “mil” palavras; a descrição de um animal desconhecido, passada para várias pessoas, para que o desenhassem, resultou em animais diferentes, que nunca existiram.

Como dito, informações que realmente informem, com base em amostragens não selecionadas às centenas, aos milhares, vão dar muito trabalho, mas será um trabalho com informações mais próximas da realidade. É desse tipo de apoio que a conclusão de todos nós precisa; levar as inferências para mais além do especulativo. Preocupam-me os trabalhos pouco documentados

frente aos empreendimentos, ao PAC, etc. ex.: em 2009 estive frente à frente com o Sambaqui Taperinha, que ostentava então parcos 3m de altura sobre um corpo conicóide cuja base dispersa “exageradamente” ainda teria 250m<sup>2</sup> (após aguardar desde 1992, autorização que sequer nos foi respondida pelo IBPC-Rio, para executar projeto de pesquisa arqueológica com Celso Perota da UFES no Baixo Rio Amazonas [Miller 1992] ). Na época minha intenção, por convite meu à Ana C. Roosevelt, fora um corte-teste 5x5 m (pela pouca cerâmica) até 2m abaixo do sambaqui, em conjunto, ela e eu, cujo resultado fosse qual fosse, seria aceito incondicionalmente por Betty J. Meggers (parece que o convite, em mãos desde Brasília, não lhe chegou). Essa pesquisa ainda necessária e viável é fundamental para determinar a cultura material daqueles sambaquianos: eram de início pré-ceramistas seguidos por ceramistas? Ou somente ceramistas? As informações ilustradas fotograficamente sobre o material arqueológico que Roosevelt extraiu não são tantas como gostaríamos que cientificamente fossem. Essa superficialidade se repete noutros sítios congêneres, por outros autores (inclusive os meus), como na Ponta do Jaurí (afora o trabalho de Peter P. Hilbert 1968) sejam marinhos ou dulce-aquícolas, cuja estimativa cronologia, ao redor de 4200 a.P., o coloca no evento da semi-aridez severa, sobressaindo ao rio Amazonas. Como não há preservação há a necessidade da recuperação de mais evidências cerâmicas (e outras), antes da perda total dos testemunhos que se encontram, em Taperinha e Jaurí antes que se tornem apenas mitos. E, a continuidade dos importantíssimos estudos físicos das marés (Goulding, Barthem e Ferreira 2003) e das “paleomarés”, que atingiram o rio Amazonas e região do Sambaquí da Taperinha ao longo e no auge do Óptimum Climático Ca. 7.500 - 4.300 a.P.; e do “Péssimo Climático” ca. 4300 - 4.050 a.P., evento caracterizado e representado pelo semi-árido entre as Fases Umbu e Itapuí pré-cerâmicas em abrigo sob rocha, e Fases Sinimbu e Bacabal pré-cerâmica e cerâmica em sambaquis (Miller 1969, 2009); constatamos de 1974 para cá a presença em rios da Amazônia, com destaque para o Madeira, de petroglifos que permanecem mergulhados mesmo nas secas mais severas, sugerindo que teriam sido elaborados por ocasião do péssimo climático. Betty Meggers e Ruth Shady nos informaram que esse mesmo evento, o “Péssimo Climático” seria o responsável também pelas falências das culturas Valdívia e Caral. Quer nos parecer que o “Péssimo Climático” teria sido um semiárido ao menos de porções hemisférica.

Pesquisas e datações, em todas as direções, mesmo com amostragens que na maioria não ultrapassam algumas dezenas, centenas de fragmentos, revelaram o quanto, o quando, o para onde, o por onde e o porquê ocorreram difusões de culturas cerâmicas portadoras de vínculos com mais ou menos semelhanças nos atributos da *Tradição Valdívia*, da *Tradição Puerto Hormiga*; depois *Machalilla* e *Chorrera* desde *Ocós* de Guatemala (Coe 1960), etc. As inovações chegando ao norte até *Mogolon* e *stallings Island*; para o sul até *Tafi* e *Fase*

*Guatambu* da *Subtradição Taquara*; e para o leste até *Ananatuba*. *Mina e Una*, estando a mais antiga, segundo Roosevelt (1995, 1996) no sambaqui Taperinha de água doce. As cerâmicas difundidas seus nomes, rotas e assentamentos foram cartografadas por Meggers (1970, p.10-11, 1972 e 1979, p. 54-61), e neste trabalho com meus acréscimos de outras culturas em nota prévia, por detalhar noutro trabalho (Fig. 18).

Partindo desses resultados de difusão e desenvolvimento cultural com base no Formativo Antigo com as *Tradições Valdívia*, *Puerto Hormiga* ensaiamos o encontro da origem e da difusão da *Fase Bacabal* com ca. 4.055 à 700 a.P. no Pantanal do Guaporé, Rondônia (Fig. 17), que revelou ter uma expressiva parcela de ligações temáticas com técnicas e motivos decorativos incisos, raspados, semelhantes e evoluídos da *Tradição Valdívia* (Miller 2009a, Figs. 2-5); bem como formas de vasilhame com a porção superior em perfil horizontal ovalado, em “forma de bote” (Raymond, Oyuela-Caycedo and Carmichael, 1998, Oyuela-Caycedo and Bonzani 2005), uma das formas do sítio Puerto Chaco, próximo a Puerto Hormiga, Colômbia, raríssima mas presente em Valdívia-Ecuador. Em Bacabal-Brasil o percentual da forma é crescente da meia altura para o topo da seriação Bacabal (Miller 2009b, Fig. 8); os recipientes de planta esferóide até meia altura, assumem daí para a borda a forma elíptica alongada, sugerindo a forma de “bote”; coincide com a introdução da mandioca e o princípio do aldeamento.

Foram localizadas várias outras cerâmicas, que tenho pesquisado desde 1974 ao longo dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé, encosta superior ocidental do Chapadão dos Parecis e sobre o altiplano, ao longo das nascentes de afluentes do rio Juruena (Fig. 1). Essas cerâmicas apresentam técnicas e motivos decorativos de quatro culturas reunidas na costa do Equador: *Tradição Valdívia*, (Estrada 1961, Meggers, Evans and Estrada 1965), *Machalilla* originária das terras altas (Meggers and Evans 1962) *Chorrera*, migrada da Guatemala (Coe 1960) e *Jambeli* (Estrada, Meggers and Evans 1964), através de adaptações de alguns atributos resultando em tipos com técnicas e motivos de decoração surpreendentes das quais nos ocuparemos, à nível de nota prévia, da decoração de duas: da *Fase Aguapé* e da *Fase Galera*, neste trabalho.

## **Do conteúdo dos sambaquis gerados pelo nativo**

Normalmente todo sambaqui é pré-cerâmico ou tem uma etapa primeira pré-cerâmica; e a seguinte, acima, é ceramista. Os sambaquis com uma etapa pré-ceramista, discreta ou destacada, é o que predomina em ambiente fluviolacustre em água doce no Pantanal do Guaporé, Rondônia, com pré-cerâmico discreto ou pouco diferenciado sotoposto a uma ocupação ceramista também discreta, e dispersa. Nestes, todo o cuidado é pouco porque toda experiência é pouca perante desacertos quanto à posição original da cultura e

da amostra para, exames, datação e outros fins. Abrindo um entre parêntesis: num assentamento de coletores, pescadores e caçadores, sobre solo não consolidado, a disposição das atividades e seus restos, será desfeita, misturada, irreconhecível pelo acampamento sazonal seguinte, ou antes pelo vento, seca e/ou chuva, por animais e insetos de galeria (tatu, ratos, formigas, larvas de coleópteros e lepidópteros; a saúva, para seu ninho subterrâneo, remove e sobrepõe ao solo dezenas de m<sup>3</sup> onde, pela ação do intemperismo aquirem a forma progressivamente abaulada. A estratigrafia quando protegida dos fenômenos naturais, registra todas essas atividades, inclusive a humana. Já num assentamento à céu aberto tipo aldeia de agricultores pré-cerâmicos da *Fase Massangana* à cerâmicos da *Fase Urucurí* da *Tradição Jamari* (Miller, 1992, 2009b) (*Subtradição Jamari* da *Tradição Tupiarikém*; em re-edição aguardando recursos), pela atividade bem mais intensa, irá gerar espontânea e conseqüentemente a terra preta, segundo seus padrões de semi-sedentarismo e recursos de subsistência, demografia, dispersão e reocupação, ocorre o oposto. Ai o volume de terra preta gerada, se torna um só estrato cultural, sem evidência clara de estratigrafia; exceção para o *Proto-Tupiguaraní* (Miller 2009b). Se ocupado por mais de uma cultura de ceramistas, resultará mais ou menos misturada contaminando para mais ou para menos as amostras para análises e datações, e as amostras materiais culturais, para caracterização de cada cultura presente no sítio, no espaço e no tempo, formará um quadro que as vezes nunca existiu.

Esse processo também está presente nos sambaquis, muitos deles com sobreposição de culturas, em todos os sentidos, como descrito acima, uma pode contaminar à outra, ou umas às outras. Quando a sobreposição de sítios envolve uma cultura ceramista, exemplificando com um caso real: no assentamento em sambaqui RO-PN-8: Monte Castelo, no Pantanal do Guaporé, Rondônia (Miller 2009a): a *Fase Bacabal* ceramista ca. 4055 à 700 a.P.; que está sobre a *Fase Sinimbu* pré-ceramista entre 7100 à 4350 a.P.; que está sobre a *Fase Cupim* pré-ceramista, transição seco/frio com úmido/quente (*Optimum Climaticum* incipiente) ca. 7400 a 8400 a.P. A subsistência do bando ainda não deixara de ser de um coletor de flora e fauna de ambiente em savana semi-árida, e a alternância climática o torna anual e ciclicamente, um coletor sazonal de flora e fauna em ambiente ora alagado ora seco a semi-árido (Miller 2009a). Com base no corte-4, nesse sítio-sambaqui temos duas sobreposições culturais: de acima da cultura *Cupim*, a base da ocupação *Sinimbu* que se estende ca. 4,7 m acima até a base do extrato-Guia *Sinimbu* – *Bacabal*, estéril, com ca. 10 - 30 cm.; sobre esse estrato-Guia assenta a base da ocupação da *Fase Bacabal* que se estende ca. 2,0 m acima até o topo do sambaqui. Os espaços entre as duas sobreposições é constituído por estratos naturais que foram sendo misturados com as bases e topos das fases, pelas reocupações. Entre *Cupim* e *Sinimbu* ocorreu mistura de solos com restos de alimentação bem diferenciável, mas

não quanto às poucas lascas líticas, distinguíveis pelo solo original aderido. Os sedimentos *Sinimbu* e *Bacabal* são formados pelas conchas das mesmas espécies de gastrópodes fluviolacustres mais os sedimentos arenosos dos lagos. O estrato natural que está preservado nos solo lacustre areno-humoso à turfoso, entre *Sinimbu* e *Bacabal*, foi originado por um episódio semi-árido severo, entre 4.350 e 4100 a.P. cunhado como Estrato Guia Sinimbu – Bacabal, atingido pela mistura dos sedimentos culturais de transição das duas culturas até 30 cm de espessura. Penetrando a camada pré-cerâmica *Sinimbu*. Ainda percebe-se nos perfis, tênues traços de esteios da *Fase Bacabal* e fragmentos cerâmicos até 80 cm nos sedimentos pré-cerâmicos da *Fase Sinimbu* e fragmentos de cerâmica intrusivos, mas sem indícios do deslocamento, mas identificáveis como fora de contexto. A avaliação do quanto esses fragmentos cerâmicos estavam deslocados no tempo, para mais, (para dentro da camada pré-cerâmica Sinimbu) chegou-se a até 1.133 anos, ou seja de 4.050 anos a.P. a *Fase Bacabal* seria estimada em ca. 5.183 anos a.P. E parte do sambaqui pré-ceramista aparentemente faria parte do sambaqui ceramista (Miller 2009a, Fig. 2).

Pesquiso sambaquis desde 1950 na orla marinha do Rio Grande do Sul, mas foi com o Pronapa (Miller 1967) que as pesquisas tiveram os recursos necessários para seu avanço junto ao mar, mangue e em canais de intercomunicação marinha e lagos de água doce. Os grandes banhadais do interior do Rio Grande do Sul ao contrário de Rondônia no lugar de sambaquis ostentam grandes conjuntos de aterros, os maiores com base elíptica 86 x 12 com altura de 7m acima das águas, em forma assimétrica: lados em declive acentuado envolvendo uma extensa rampa suave; que saibamos nunca foram escavados e, para quem tentar, prepare-se para um solo tipo concreto no topo da rampa. Em Rondônia no centro Sul-americano, pesquisei desde 1978 (Miller 1978a,b, 1980, 1983b, 1986a,b) sambaquis fluviolacustres no Pantanal do Guaporé (Miller 2009a). Tanto no Rio Grande do Sul com sambaquis marinhos como em Rondônia com sambaquis, fluviolacustres, todos os sambaquis são o resultado do assentamento inicial de pré-ceramistas (sem ponta de projétil líticas, mas com as pontas ósseas mais antigas na *Fase Cupim* e *Sinimbu*); no Rio Grande do Sul, com ocupação final pela *Tradição Humaitá*, *Fase Camboatá*, *Subtradição Taquara Fases Taquara* e *Guatambu* (Miller, 1967 e 1971), e pela *Tradição Tupiguaraní Fases Maquiné* e *Paranhana* (Miller 1967); no último milênio e meio. Os patamares areno argilosos litorâneos, poucas centenas de metros do mar, eram ocupados pela *Tradição Umbu Fases Umbu* e *Itapuí* (Miller 1967, 1974a). Os sambaquis do Pantanal do Guaporé, resultado inicial dos pré-ceramistas da *Fase Sinimbu*, após 250 anos de semiaridez, são reocupados pelos ceramistas da *Fase Bacabal* durante 3.300 anos contínuos, gerando uma ocupação com 200 cm de espessura com muita cerâmica que lembra a *Tradição Valdívia* e a *Tradição Puerto Hormiga Fase Puerto Chacho* com cerâmica em

forma de bote. Não conheço sambaqui resultante somente do assentamento de ceramistas, se houver, é uma experiência que me faz falta.

Roosevelt (1995), Roosevelt et al. (1991, 1996) apresenta algumas datações da cerâmica da Caverna da Pedra Pintada, e do Sambaqui da Taperinha com 383 cacos cerâmicos, mas só três foram divulgados primeiramente em forma de desenho e depois em foto, entre 7080+/-90 a 6300+/-90 a. P. sendo o único sítio a ter datas bem mais antigas que as obtidas para as demais tradições formativas como San Jacinto 1 da Costa Caribenha. No entanto, essa cerâmica Taperinha apresentada, não é coerente com as datações antigas apresentadas, lembram e assemelham-se contraditoriamente à cerâmica *Barlovento*, entre 3500+/-100 e 2800+/-80 a.P. da costa norte colombiana (Meggers 1997), e com a cerâmica *Manacapuru*, com 1425+/-58 a.P. (Hilbert 1968; Meggers 1997), bem mais recentes. Entre as técnicas e os motivos da decoração e as datações, a linguagem das imagens fotográficas fala mais alto que as datações, portanto a questão permanece em aberto. “The ceramic sequence on the Caribbean coast of Colombia is the best documented in South America as a result of detailed investigations and publications by Geraldo Reichel-Dolmatoff (1985) and Carlos Angulo Valdez (1981) and the chronology of change in decoration is well defined. (...)” (Meggers 2010). E como a *Tradição Valdivia* equatoriana, com apoio em Real Alto, que possuem dezenas de sítios ancorando claramente suas posições cronológicas; com dezenas de milhares de fragmentos cerâmicos, e todo um rol diversificado e evoluído do material de expediente; publicações bem ilustradas que falam por si com excelência, na obra. no entanto, não suporta as datações apresentadas; lembram e assemelham-se contraditoriamente à cerâmica *Barlovento*, entre 3500 e 2800 a.P. da costa norte colombiana (Meggers 1997), e com a *cerâmica Manacapuru* (Hilbert 1968; Meggers 1997) Entre as técnicas e os motivos da decoração e as datações, a linguagem das imagens fotográficas fala mais alto, portanto a questão permanece em aberto.

Nessa relação contraditória entre imagem fotográfica e datações há um flagrante desacerto; e pende a favor da imagem fotográfica semelhante a cerâmica *Barlovento* e *Manacapuru* com datas a elas creditadas. Creditar as datas antigas de Taperinha a estas cerâmicas *Barlovento* e *Manacapuru* é uma flagrante comprovação de que elas estavam infiltradas em meio pré-cerâmico que explica essa contradição. Até que uma equipe seja designada para comprovar em campo a existência ou não de ocupação pré-cerâmica no sambaqui da taperinha, a questão da validade das datações para o material cerâmico fica em aberto. É interessante que as datas iniciais do sambaqui da taperinha ceramista 7080+/-90 a.P. e do sambaqui Monte Castelo pré-ceramista e ceramista 7010+/-80 a.P. sejam muito próximas.

Em: Meggers, Betty J.; Evans, Clifford & Estrada, Emilio. 1965. *Early Formative Period of Coastal Ecuador: the Valdivia and Machalilla Phases*. Washington, D.C., Smithsonian Contributions to Anthropology, V.1, 234p. Il.

É detalhado científica, técnica e tipologicamente, toda a diversidade cultural, com analogias comparativas, ilustrando a mesma cultura: como *Jomon* no Japão e como uma variante, *Valdívia* no Equador. Uma idéia consistente da origem de *Valdívia* com 5.800 anos no Equador após 7,200 anos no Japão, e 14.000-13.000 anos desde o *Jomon incipiente* que não deixa dúvidas quanto ao seu lugar e papel no cenário cultural cerâmico Panamericano; coexistindo e interagindo com outros complexos antigos autóctones que, devido sua semelhança com *Barlovento* na Colômbia e *Manacapuru* na Amazônia central, é fundamental comprovar se *Taperinha* tem ou não assentamento inicial pré-cerâmico; será estratégico como apoio à existência de outros sítios com resultados que apoiem complexos como o Formativo Antigo da *Tradição Proto-Tupiguaraní* apoiado por vários sítios entre 5.100 e 4.000 anos na Área do Alto Ji-Paraná-Rondonia com uma primeira publicação (Miller 2009b), apoiada pela lingüística Tupi (Rodrigues 1958, 1964, 1986, 1988, 2007 e 2010) e pela arqueologia preventiva (Scientia 2008; Cruz 2008; Zimpel Neto 2009; Miller 1987).

### **Origem do Formativo Pacatuba/Massangana/Tupiarikém**

Da origem do Período Formativo Antigo da agricultura e aldeamentos de pré-ceramistas à ceramistas no Jamarí. Já em 5.300 a.P. macro-bandos compostos por pré-ceramistas coletores caçadores, evoluídos de uma horticultura insipiente, simultaneamente dominaram a agricultura da mandioca, a construção de aldeias e se tornaram semi-sedentários. É a interpretação da terra preta intensiva de longa duração dos sítios da cultura Massangana. Que se estendeu de 5280 a 2810 (5210±70 a 2750±60) a.P. Um período com 2460 anos. Massangana é a evolução da Fase Pacatuba pré-cerâmica como caçador coletor com horticultura incipiente. Pacatuba se estendeu de ca. 6.220 (6,090±130) à 5.300 (5210±70) a.P. Um período com 920 anos (Miller 2009b).

### **Origem do Formativo Antigo da *Tradição Proto-Tupiguaraní***

Da *Tradição Tupiguaraní* da Faixa Costeira (PRONAPA, 1968), ao centro de origem do Formativo Antigo da *Tradição Proto-Tupiguaraní*, na Área do Alto Ji-Paraná – desde o estágio insipiente final do “princípio original”. Em 1969, foi reconhecido o vínculo etno-histórico e linguístico dos falantes Tupi-Guarani com a cerâmica arqueológica correlata da Faixa Costeira, a qual foi denominada de *Tupiguarani* (Brochado et. al. 1969; PRONAPA 1968, 1969, 1970). Desde 1958, a “terra natal” do Tronco Tupí foi proposta como tendo sido na mesopotâmia Guaporé-Madeira e Aripuanã (Rodrigues 1958a, 1964), por conter seis das suas dez famílias lingüísticas (Rodrigues, 1986). Em 1913 a Missão Rondon encontrou falantes de línguas Tupí-Guaraní (Kawahib) e suas malocas no alto Ji-Paraná-RO (Missão Rondon 2003). Desde 1974 temos estado in loco, testando teórica e empiricamente essa hipótese, com o PROPPA, 1974-7/MT-

RO, o PRONAPABA, 1978-83/RO-AM, o GERO a Eletronorte e o CNEC. Além das cerâmicas mais diagnósticas com as decorações Corrugada Complicada e Pintada e de urnas funerárias tão antigas quanto a “terra natal”, há lá outros atributos do tipo *Tupiguaraní*. O mesmo vínculo entre dados arqueológicos, etno-históricos e linguísticos encontrado, na Faixa Costeira foi testado na “terra natal” do Proto-Tupí e do Proto-Tupí-Guaraní, tendo resultado na mesma correlação. A busca empírica pela “terra Natal” do tronco tupí chegou até ao seu miolo, através da correlação entre os dados da arqueologia de campo, datações 14C, linguística histórica e fontes etno-históricas.

A descoberta do centro de origem do *Proto-Tupiguaraní*, antecessor do *Tupiguaraní*, sob pesquisa centripeta no Sudoeste Amazônico, deu-se na Área do Alto Jí-Paraná tendo o sítio RO-JI-15: Urupá com 5.100 a.P. e outros entre 5000 e 4000 a.P. (Scientia 2008; Cruz 2008; Zimpel 2009) e de 4000 a 500 a.P. como apoio cronológico e demais atributos, foi apresentado no II Encontro Linguas e Culturas Tupí. UNB-DF, 2007 (Miller 2009b). Com base nos dados levantados, é possível calcular que o princípio do insipiente “princípio original” esteja entre 5,5 e 6 mil anos atrás, e chegar lá exigirá a pesquisa de muitos sítios *Proto-Tupiguaraní*, probabilisticamente junto de águas rápidas na bacia do Alto Ji-Paraná. Com relação ao *Formativo do Tupiguaraní* penso que houve um bom e diversificado progresso através do estágio arqueológico evolutivo de origem e difusão porque os tipos Pintado e Corrugado do insipiente final do *Proto-Tupiguaraní* foram localizados junto ao Alto rio Ji-Paraná com falantes Kawahib, conclusões essas que nos ocuparam por 33 anos, de 1974 à 2009 (Miller 2009b), e continuam ocupando.

O intrigante é que no *Formativo Antigo do Equador*, na *Tradição Valdívia*, só ocorre o *Corrugado Simples* e o *Pseudo Corrugado* que lembra vagamente o *Corrugado Complicado* mal feito, mas não possui o *Corrugado Complicado* (Chmiz 1966:12; 1976:126-127) nem o Pintado (mono à tricolor), sobre **superfície simples** ou, sobre *engobo branco e/ou vermelho* que é o tipo principal do *Proto-Tupiguaraní* (Miller 1969: 33-54, Est.11-12) e do *Tupiguaraní* (Miller 1969: 33-54, Est.11-12) Esse contexto aponta o Alto Jí-Paraná como o *berço do Período Formativo Antigo Independente do Proto-Tupiguaraní*. Com esse resultado, o que antes se pensava ser um fato, de que todas as tradições cerâmicas derivavam necessária e unicamente do *Formativo Antigo Tradição Valdívia*, já não tem sustentabilidade; e com o transcorrer das pesquisas outros centro formativos independentes surgirão, pois entre os grandes complexos cerâmicos ocorrem cerâmicas classificadas simplesmente como Tradições Regionais. O *Proto-Tupiguaraní* é uma cultura ceramista relativamente antiga, que progrediu com o Ótimo Climático e graças ao aquífero Parecis, sobreviveu à uma semi-aridez severa, alcançando ambientes ecologicamente menos desconfortáveis na Faixa Costeira Atlântica, a qual lhe propiciou sobrevivência sustentável. Outros detalhes em Miller (2009b).

## Da Origem do Formativo Antigo da Tradição Policroma

Na busca pelas origens e rotas de difusões da *Tradição Policroma* e respectivas *Subtradições*. A descoberta da *Subtradição Jatuarana* deu-se em RO-JP-01; Teotônio e RO-JP-03: Porto Seguro em 1978, nas cabeceiras da Cachoeira Teotônio (Miller 1978c, 1979a, 1980b, 1985a, 1985b, 1986c, 1992b), e o local, com um grande complexo de sítios-habitação e oficinas, logo foi considerado como o centro formativo tanto da *Subtradição Jatuarana* como da *Tradição Policroma*, com terra preta desde 3.000 a.P. [2.730±75 a.P. 2.920 a.P. = 1950 + 970 BC correção 930 BC + 1950 = 2.880 a.P. (SI-3950)] a.P. e seus atributos cerâmicos plenamente evoluídos (Fig. 6), sem o menor indício de cerâmica incipiente, (um paradoxo: quanto mais antiga mais elaborada, mais diversificada, não significando isso um princípio de decadência). Este complexo cultural retrata o rio Madeira em toda a sua extensão, rio Madeira abaixo e rio Madeira acima, ultrapassando a confluência do rio Beni e galgando as corredeiras de montante já no baixo Mamoré até a cidade de Guajará-Mirim, m.d. com o sítio policromo RO-GM-10, também nas ilhas algumas também com arte rupestre e cemitérios. Nesse panorama a hipótese que atenta sugere a área de origem, a “terra natal”, para além do Mamoré ecologicamente muito inferior ao Madeira. **Especulativamente na bacia do alto Beni, ou do Madre de Dios nos contra-fortes andinos, cujos tributários mais extensos são de água-branca-andina. Em termos de subsistência estes são os que se aproximam do Rio Madeira, contudo em escala reduzida, suportando um episódio cultural incipiente até um princípio de evolução e desenvolvimento com população crescente cujos recursos ripícolas, aquáticos e hortícolas, em maior demanda, já não sustentavam aquela sociedade em crescimento e foi quando o rio Madeira, já conhecido, começou a ser ocupado com o resultado que a arqueologia está revelando.** Mas as referências sobre o Beni não são animadoras quanto à indícios de policromia; se assim se confirmar, com os reservatórios das UHE’s no rio Madeira, pouco haverá para pesquisar no alto Madeira, quanto à origem da *Subtradição Jatuarana* e *Tradição Policroma*.

A *Subtradição Jatuarana* foi a cultura nativa que em melhores condições sobreviveu com sedimentos de solo vulcânico andino, rico em nutrientes canalizados para o Madeira pode assegurar uma sobrevivência sustentável, como foi por ao menos 3.000 anos contínuos. Os antigos policromos devem ter abandonado o local de origem por já não suportar o desenvolvimento pós etapa insipiente ingressando na etapa evolutiva quando por motivos ecológicos tiveram que e conseguiram “descobrir o rio Madeira” para se tornarem na *Subtradição Jatuarana* que encontramos, e pelo Amazonas e afluentes afora, dar origem às demais subtradições Fig. 6).

Os petróglifos do sítio RO-GM-02: Pederneiras-1 nunca totalmente à descoberto das águas sugerem que foram elaborados num período de semi-

aridez severa, no “Péssimo Climaticum” entre 4.300 e 4.100 a.P.; a *Subtradição Jatuarana*, um milênio após, se instalou e sobreviveu no Rio Madeira, numa faixa ecológica de conforto (Miller 1992b), pela água do degelo andino nas intensas estiagens do Madeira, até o impacto da presença ibérica.

A revisão em 1986 das coleções de campo efetuadas em 1980, estenderam a *Tradição Polícroma* até as porções inferiores dos seus formadores os rios Mamoré e Beni, como domínio da *Subtradição Jatuarana* que também surge pronta em toda essa extensão, desde Ca. 3.000 anos a.P. Sendo o médio Mamoré acima e o Guaporé domínio de culturas outras que não a *Tradição Polícroma* (Miller 1980, 1983a, 1987c,d).

### **Surge o PRONAPA, com o Método Ford-Meggars (1964)**

Com base nos princípios teóricos, metodológicos, terminológicos, etc., que o norteiam (Echeverria-Almeida 2012) tudo se torna perceptível e mensurável pelas análises seriadas quantitativas, em “complexos”, “tradições”, “subtradições”, “fases” e “subfases” adotadas desde 1964. A tipologia e a quantificação através do tempo e do espaço, e considerações ecológicas e ambiental, com mudanças climáticas, sejam favoráveis ou danosas, já são perceptíveis na seqüências seriadas. Os nomes das culturas e sua posição começam a serem ajustadas; então a *Cultura Morro da Formiga* assentada em TQR-61: Morro da Formiga, assume o nome de RS-S-61: Morro da Formiga, *Fase Formiga* e por último RS-S-61: Morro da Formiga da *Fase Taquara* (Miller 1966), em consideração à *Fase Formiga* na Ilha de Marajó). Bem, nem tudo tipológica, qualitativa e quantitativamente acerca dos atributos passou despercebidamente ao longo dessa jornada. Algumas reconsiderações foram surgindo através de análises globalizantes: a reavaliação percentual e tipológica das cerâmicas das *fases das tradições Taquara e Itararé*, em 1968-69, revelou um panorama com o máximo de decoração para os sítios de várzea, ao sul, da *Tradição Taquara: Fase Taquara* ca. 85% decorada, 15% simples e *Fase Guatambu* ca. 70% decorada, 15% simples (Miller 1968, 1971) e ao longo de uma transição gradativa, mais do Sul para o Norte do que de Leste para Oeste, foi atingido um mínimo de decoração mas com formas gradativamente mais elaboradas, para o norte, para a *Tradição Itararé*. Esse resultado dinâmico nos levou a propor a união de “*As Tradições Taquara e Itararé* como uma só tradição. No XXXIX Congresso Internacional de Americanistas. Lima, Peru, 1970. 12 p., il. (inédito) (Miller 1970), inédito. Propõe-se agora que cada uma passe a representar uma *Subtradição Regional*, ou seja: *Subtradição Taquara* com suas fases, e *Subtradição Itararé* com suas fases.

Mas, quanto às etapas dos respectivos Formativos (Lumbreras 1974; Meggers 1999) desde as origens às difusões, houve avanço? No tocante a *Fase Guatambu*, foi possível reconhecer traços decorativos com técnicas e motivo

assemelhados com os correspondentes da cerâmica *Valdívia* e *Jomon Médio* (Figs, 15 e 16).

O que mais nos ocupou, foi a cultura *Bacabal* pré-histórica que tomou posse do Pantanal do Guaporé originou assentamentos sambaqui, agricultura incipiente da mandioca e aldeias em campo aberto nas “ilhas” florestadas, e acampamentos de estiagem na planície de inundação. O rastreamento de similaridades à cultura *Bacabal*, nos conduziu ao *Formativo Valdívia* situado no litoral equatoriano (Miller 1978a-c, 1979, 1980a-b, 1983a-b, 1985a-b, 1986a-b, 2009a), com base na excelente publicação “Early Formative Period of Coastal Ecuador: the *Valdivia* and *Machalilla* Phases” de Meggers, Betty J Meggers, Clifford Evans e Emílio Estrada (1965). A quantidade de analogias é tal que este encontro passa a ser um dos exemplos-tipo de difusão cultural material de longo alcance temporal e espacial, hoje com pelo menos uma dezena de culturas ceramistas nas duas regiões, respectivamente no litoral do Equador como doador de origem e o Pantanal do Guaporé com a Chapada dos Parecis, como receptor. Estes dois complexos cerâmicos – são portadores de exemplares com tipos facilmente confundíveis tal a semelhança entre ambas como constatei em Guayaquil, por ocasião do Simpósio Internacional de Arqueologia Sulamericana, Cuenca – Equador. 1992. (Miller 1986a-b, 1999, 2009a) (Figs. 1-5). Esse fato com início desde 1978, desviou parte de minha dedicação integral ao Brasil, para os demais países da América do Sul, a procura de analogias cerâmicas. Foi assim que dentre alguns artigos sobre o Formativo Antigo da costa Colombiana, um portador de uma imagem me chamou a atenção por apresentar um vaso em forma de “bote” no sítio *Puerto Chacho* (uma *Fase*, da *Tradição ou Complexo San Jacinto?*), “forma” que na cerâmica *Bacabal* vai aumentando de popularidade através do tempo. Se bem que a decoração não seja a mesma, ela é aparentemente mais *Valdívia*, a forma do recipiente é a de *Puerto Chacho*, e *Bacabal* propriamente. Então, estamos frente a um segundo Formativo Antigo, doador para a mesma fase cerâmica que tem aparentemente maior doação de *Valdívia*. Haverá um terceiro doador? Como dito páginas atrás, nos faltam artigos com abundância de boas imagens (fotográficas ou digitais, antes de desenhos), e correspondência com arqueólogos desses países, para reconhecermos quem é quem o doador e o recebedor e o quanto e quando, porque, etc.. Apesar da forma em bote não ser relatada para *Valdívia*, quando examinei as coleções em Guayaquil me pareceu existir fragmentos como em *Bacabal* que sugerem vasilhame em forma de bote, em freqüência muito baixa o que dificulta seu reconhecimento. *Bacabal* conta com 4.055 [3945±110 (SI-6845)] em RO-PN-8, corte 4, prof. 160-170cm, sem data em 190-200cm que deve levar no máximo à 4.450 a.P. *Puerto Chacho* conta com 5.220±90 a.P (Beta-26200) em “The Earliest Ceramic technologies of the Northern Andes: a Comparative Analysis”. (Raymond, Oyuela-Caycedo and Carmichael 1998).

## Antecedentes

Passados 250 anos de semi-aridez severa, entre ca. 4.350 e 4.100 a.P. ressurge o Pantanal do Guaporé com a *Fase Bacabal* ceramista entre 4.050-700 a.P, com transição de pré-agrícola para agrícola de ca. 2.500 a 700 a.P. Assentou-se no mesmo ecossistema da *Fase Guatambu* pré-ceramista: nos sambaquis, sítios abertos nas “ilhas” florestadas, e na planície de inundação fluviolacustre com acampamentos de estiagem. Nossa busca, em espiral centrífuga, por semelhanças e diferenças culturais materiais à *Fase Bacabal*, sua origem, difusão e causas, conduziu-nos até o *Formativo Antigo da Costa do Equador: Fases Valdívía e Machalilla*, com ca. 5.870 a.P. (Marcos, 1988), com motivos e técnicas tanto comuns como particulares entre si, o suficiente para considerá-las como, derivadas de um Centro Formativo comum mais antigo originário do Japão (Estrada & Meggers 1962, 1966; Estrada & Meggers and Evans 1964; Meggers and Evans and Estrada 1965; Meggers and Evans 1957, 1965, 1966; Meggers, 1962, 1964, 1970, 1971, 1979, 1980, 1985, 1987, 1992, 1995 – 1997, 2005, 2008, 2010). O impacto climático com hiato cultural de ca. 250 anos, produziu um estrato cunhado como *Estrato tipo Sinimbu-Bacabal*. A *Fase Valdívía* que evoluiu no *Óptimum Climáticum* como resultado de transgressão marinha, findou com ele devido a recessão marinha, que reduziu em muito o alimento dos brejos e mangues com início ca. 4500 a.P. e colapso entre ca.4.300 e 4.000 a.P. mas, não antes da *Fase Machalilla*, oriunda da Guatemala (Coe 1960), se infiltrar e ficar até ca. 3.000 a. P. (Meggers & Evans 1962; info. pes. Meggers, 2011). A difusão *Valdívía* se expande primeiramente pelo litoral do Pacífico para o norte da América do Sul e pela costa do Caribe até a *Fase Mina*; depois segue pela costa do Pacífico sul e norte; pelo golfo do México chega a *Stallings*-Flórida; para o leste na Amazônia pelo Ucayalli chega no Pantanal do Guaporé com a *Bacabal* (Miller 2009a) pelo Amazonas abaixo origina a *Ananatuba*. Com datas mais recentes proliferam fases em todas as direções: Baixo Xingu, a *Fase Guará* (Perota e Botelho 1986, 1992); seguindo até a Ponta do Jauri com a *Fase Castália* e *Fase Jauri* (Hilbert, 1959, 1968); concluindo na Ilha do Marajó, com as *Fases Ananatuba*, ca. 3400 a.P. e *Mangueiras*, ca. 3.100 a.P. da *Tradição Borda Incisa* (Meggers and Evans 1957, Meggers 1997) (Fig. 18).

A datação *Bacabal* com 4.055 a.P. apóia o início da falência e confirma a difusão/migração de *Valdívía* desde o litoral do Equador, se expande pelo litoral da Colômbia, da Venezuela para sudeste, pelos Llanos de Bolívia até o Pantanal do Guaporé, com as *Fases Pirizal, Tradição Borda Incisa, Fase Tarioba* e *Fase Muiratinga* no entorno noroeste do Pantanal do Guaporé (Miller 1987a), daí para o sudeste [a leste estão os Tupí dominando toda a “terra natal” (Miller 2009b)] e prossegue pela mata da encosta e pelo cerrado da borda e altiplano do Chapadão dos Parecis com as *Fases Aguapé, Galera, Cajú* (Miller 1974b, 1975, 1977, 1987c; Puttkamer 1979) e outras (Lima 2010); reaparecendo no

planalto gaúcho e catarinense em meio aos falantes Xoc Leng, espaço físico da *Fase Guatambu* ca. 2.000 a.P. [1810±185 (SI-813) *Subtradição Taquara, Tradição Taquara-Itararé*, avançando e desdobrando adiante de minha proposição, no XXXIX Congresso Internacional de Americanistas, em Lima, Peru, 1970: “As *Tradições Taquara e Itararé* como uma só tradição (*Taquara-Itararé*)” (Miller 1970a).

Alguns paralelos cerâmicos entre *Valdívia* e *Bacabal* (Miller 2009a), são representados nas Figs. 3 a 5 neste artigo. As *Zonas Excisas Amplas* são a diferença entre a *Bacabal (Zonas Excisas Amplas)* e *Valdívia (Zonas Excisas Diminutas)*. Nas Fases inéditas: *Aguapé* e *Galera* (Simões & Araújo-Costa 1978), esta é uma das semelhanças entre *Bacabal (Zonas Excisas Amplas)* e *Aguapé (Zonas Excisas Amplas)*, e entre *Valdívia, Machalilla*, (Meggers, Evans and Estrada 1965), *Jambeli*, (Estrada, Meggers and Evans, 1964), entre *Jambeli-Ecuador* e *Galera-Brasil (Zonas Excisas Diminutas)* (Estrada, Meggers and Evans 1964). O *Inciso em Linha Escalonada* ocorre na *Valdívia, Jambeli* (raras) e na *Galera* (abundante); *Inciso em Arco Raiado* ocorre na *Machalilla* e na *Galera*. (Figs. 9, 10, 14, 15, 16). Com origens nas difusões de *Machalilla*, outras fases além da *Bacabal*, surgiram adaptadas ao entorno e “ilhas” do Pantanal do Guaporé e ao longo da encosta e borda do Chapadão dos Parecis (não inclusas nesta comunicação). As causas das difusões foram o Optimum Climático, que avolumou a cadeia alimentar com conseqüente pressão populacional, seguida pela regressão marinha, que reduziu a alimentação e a população, provocando, entre os sobreviventes, as dispersões/migrações por espaços com alimentos, que levaram às difusões e adaptações.

## Do Objetivo a ser alcançado

Em primeiro: dar a conhecer (a quem interessar possa), um pouco de história do que movia a nossa pesquisa arqueológica nos idos de 1945 até 1980 no Rio Grande do Sul; no Sudoeste da Amazônia de 1974 ao Presente.

Em segundo: representando quase todas as culturas que descobri e conheci – menos duas que – a nível de Nota Prévia – darão a conhecer a CAUSA que moveu e move a minha arqueologia, e será melhor entendida (se houver interesse) e sem que eu o declare, através de dois trabalhos (a nível de nota prévia), porque sempre retornamos à eles; pela experiência que sempre resulta em algo mais a agregar). Um dos trabalhos versa sobre a cultura *Bacabal* (Miller, 2009a), um povo ceramista, pré-colonização européia, com subsistência principalmente nos gastrópodes fluviolacustres, que à meio caminho incluiu uma agricultura incipiente de Mandioca, ocupando e concluindo os sambaquis do Pantanal do Guaporé (retornaremos para apresentá-lo mais a fundo, juntamente com outros dois povos pré-ceramistas, no mesmo biótopo, apesar das mudanças climáticas, outra que viu o Pantanal surgir e iniciou os

sambaquis, pela subsistência principalmente nos gastrópodes fluviolacustres; e uma cultura pioneira (*Fase Cupim*), pré-colonização européia, que nesse local acampava quando no lugar do Pantanal havia só a Depressão do Guaporé com uma savana inóspita, nem sempre seca, pelos restos de alimentação, uma vez ou outra uma chuva inesperada enchia a depressão de lagunas e peixes). Esse trabalho brindou-me com as duas respostas às duas perguntas, sem as quais penso que pouco teria esclarecido em termos de arqueologia. Mas são duas respostas que geram muitas outras perguntas a espera de respostas, longe estando o trabalho conclusivo.

O segundo trabalho, quase uma odisséia amazônica (Miller 2009b), com o qual todo arqueólogo não só Sul-americano se sentiria realizado: também o é a nível de nota prévia; também brindou-me com perguntas, e respostas tidas como impossíveis, não por este aprendiz, mas por arqueólogos de renome planetário (Meggers, 1979: 57). Desde Humboldt, houve muitas tentativas, sem sucesso; meus princípios e metodologia, ora centrípeta, ora centrífuga deram resultado positivo, mas para aceitá-los, os questioneei por dezenas de anos até que as dúvidas se dissiparam com a ajuda de um punhado de datações C-14 dando-me a certeza suficiente para creditá-las e não refutá-las, e levá-las adiante até divulgá-las em simpósio sobre a cultura Tupi na UNB em 2007. O então trilema, hoje está voltado para a *Subtradição Jatuarana da Tradição Policroma*.

## Das Fontes Arqueológicas

A Etapa PROPPA/SI foi efetuada no Rio Grande do Sul de 1972 a 1977, e no Mato Grosso e Rondônia de 1974-75 e 1977. A título de nota prévia, os resultados que seguem foram obtidos de partes das pesquisas de campo sobre 23 sítios (p. 353, desta), efetuadas no Sudoeste Amazônico, ao longo de 1974-75 e 77, e mais 3 sítios em 1994 na área da então futura PCH Guaporé (Miller 1974b, 1974c, 1975, 1977).

Etapa PRONAPABA/SI (1978-80 e 1983-1986). Os cinco anos de pesquisas de campo foram cumpridos em duas etapas, intermediadas pelo mestrado. Na primeira etapa nos desdobramos com o Paleoíndio do Rio Grande do Sul e os sambaquis do Pantanal do Guaporé-Rondônia com o reconhecimento arqueológico dos rios Mamoré e Guaporé-Rondônia (Miller 1978a, 1978b, 1978c, 1979, 1980a, 1980b, 1983a). Na segunda parte, além dos sambaquis, nos ocupamos com o rio Madeira, o rio Ji-Paraná e a Br-429 a noroeste e lindante ao Pantanal do Guaporé (1985a, 1985b, 1986a, 1986b, 1986c, 1987a, 1987b).

Na época (1977) o propósito primeiro foi dar ciência ao menos das Fases Aguapé e Galera ceramistas descobertas (1974) no PROPPA, pelo seu ineditismo quanto à decoração cerâmica. Mas, com a descoberta no PRONAPABA da *Fase Bacabal* (1978), com uma seqüência cerâmica de 0-200 cm no sambaqui

RO-PN-8: Monte Castelo e o elevado percentual de analogias com a cerâmica decorada da *Tradição Valdívia*, da qual em menor percentual a *Fase Aguapé* compartilha, priorizou o estudo da *Fase Bacabal*.

A *Fase Bacabal* – ceramista. Ecossistema, Pantanal do Guaporé (Fig 1 e 18) seus resíduos culturais estão assentados sobre os da *Fase Sinimbu*, pré-ceramista e pré-agrícola, bem mais coletora de gastrópodes aquáticos (96%) do que caçadora, entre 7.100 e 4.300 a.P. A segunda etapa dos resíduos dos sambaquis, foi assentada pela *Fase Bacabal* ceramista e pré-agrícola, com a mesma subsistência da *Fase Sinimbu*, entre 4.055 e 2.500 a.P., e de 2.500 à 700 a.P. também em sítios com terra preta em “ilhas” com fragmentos de alguns assadores de beijú pequenos, que sugerem uma agricultura insipiente de mandioca anexa à subsistência tradicional, como uma evolução da difusão desde a *Fase Pirizal* (Miller 2009a), ocorrente na periferia e “ilhas” do Pantanal do Guaporé, com traços nos atributos que também sugerem difusões ainda não identificadas. A *Fase Bacabal* nos pôs em contato com nosso primeiro caso marcante pela difusão da *Tradição Valdívia* do litoral do Equador dando origem à cultura *Bacabal* ceramista no Pantanal do Guaporé. Em Miller (2009a) o resumo do resultado geral, e os atributos cerâmicos (tipos, formas) a nível de seriação quantitativa, por ora, que serve de guia para as avaliações de outras fases ceramistas com paralelismos cerâmicos à *Tradição Valdívia*, e à *Fase Bacabal*. Alguns paralelos cerâmicos entre *Valdívia* e *Bacabal* (Miller 2009a), são revistos nas Figuras 2-5. Se real como parece comprovado, com base nos pró e contra atuais, *Jomon* teria percorrido uma rota assemelhada à da Fig. 17. A rota da difusão da cerâmica que originou a cultura *Bacabal* partindo de *Valdívia A-B* é sugerida entre Guayas e Pantanal do Guaporé, com base no tipo de subsistência, acompanhando o sistema fluviolacustre até o assentamento do Pantanal do Guaporé (Fig. 1 e 18).

Enquanto entre a *Bacabal* (amplas) e *Valdívia* (diminutas), as *zonas excisas amplas* são uma das diferença, entre *Bacabal* (ampla) e *Aguapé* (ampla), as *zonas excisas amplas* são uma das semelhanças.

Entre *Valdívia* (diminutas), *Machalilla* (diminuta) e *Galera* (diminuta), as *zonas excisas diminutas* são a semelhança. Com origens nas difusões de *Valdívia* e *Machalilla* e Chorrera, outras fases além da *Bacabal*, surgiram no entorno do Pantanal do Guaporé RO e ao longo da encosta e borda do Chapadão dos Parecis, MT (não inclusas nesta comunicação). As causas das difusões foram o Óptimum Climático, que avolumou a cadeia alimentar com conseqüente pressão populacional. A regressão marinha, que seguiu, reduziu a alimentação e a população, provocou as dispersões por espaços com alimentos, que levou às adaptações e difusões.

A *Fase Aguapé*: 14C ca. 2000 a.P. [1945±55 (SI-3744) 20-30 cm em MT-GU-8: Waioco] Ocupou o ecossistema florestal entre o patamar superior do Chapadão dos Parecis desde o Rio Guaritire (ou Piolho) m.d. do Rio Guaporé

e o sistema de cerrado/mata de galeria das nascentes do Rio Camamarezinho m.e. do Rio Juruena no altiplano até o alto rio Jaurú do Paraguai, e as nascentes do Rio Buriti do Rio Juruena no altiplano (Fig. 1). Foi descoberta e registrada pelos integrantes (Simões e Araujo-Costa, 1978). A ocorrência de cerâmica no sítio MT-GU-1: Abrigo do Sol em 1974, foi a primeira da *Fase Aguapé*; em 1977 eram 36 em 1993 (Figs. 7 a 11 e 14). Os sítios ocorrem em campo aberto e abrigo-sob-rocha, mas só na condição primeira são sítios-habitação com terra preta, evidência de agricultura engloba a mandioca, beijuzeiros ou assadores e semisedentarismo em aldeamentos. Nesta apresentação, nos dedicamos ao tratamento de superfície, da decoração – tipos e motivos – da cerâmica *Aguapé*, por serem estas variáveis as mais diagnósticas para a avaliação de traços culturais entre culturas doadoras e receptoras, como já ocorreu entre *Bacabal* e *Valdívia* (Miller 2009a). Agora, o resultado das análises circularão entre *Valdívia*, *Machalilla*, *Chorrera* e *Jambeli*, e *Bacabal* versus *Aguapé* (Figs. 1 a 18). A decoração emprega a técnica do *Inciso Lavrado ou Raspado* e do *Raspado em Baixo Relevo* executado entre pós-perda da plasticidade ou desidratado e pré-queima; e a grande variedade de setores combinando motivos em *losangos*, *triângulos* e *retângulos*, *simples*, *ponteados*, *excisos*, *quadriculados*; dos mais simples em *Triângulos Ladeados por Linhas Duplas*, aos mais complexos. *Um Ponto Exciso a Uma Crista Excisa* é acrescido no *Interior do Losango Central*. (Fig. 7). Com as mesmas técnicas e processos de feitura: *Decoração Reticulada*; *Antropomórfica Esquemática* e *Naturalista*, com *Apliques*, pernas e braços; com o *Hachurado* representando o perfil do corpo de rã encrustado num *Campo Reticulado*, parte em *Tabuleiro de Dama* (Fig. 8). Os dois principais tipos decorados da *Fase Aguapé*, apresentados graficamente: (1) *faixa composta pela variedade de geométricos losangulares e meio-losangos, desdobrados diagonal e transversalmente, em zonas triangulares hachuradas, e ou exciso-raspado*. (2) *faixa contendo zonas micro reticuladas onde se encaixa a imagem esquemática do corpo perfilado de uma rã (decúbito ventral), ladeada pelo reticulado em tabuleiro-de-dama* (Fig. 9). Comparação da (1) **decoração hachurada cruzada da Fase Valdívia** (em baixo), da *Fase Bacabal* (ao meio) e da *Fase Aguapé* (em cima) *bandas ou zonas triangulares hachuradas estão separadas por bandas de largura variável simples na Fase Bacabal, com uma ou mais linhas incisivas incisões retas e paralelas na Fase Valdívia e na Fase Aguapé ou, o inciso hachurado estende-se sobre toda a superfície*. (2) comparação da *decoração em tabuleiro-de-damas da Fase Machalilla* (no meio a direita) e da *Fase Aguapé* (em cima a direita) Fig. 10). Em MT-GU-17: Abrigo do Pajé. *Grafismo escultórico da Fase Aguapé, representando um xamã*, executado em *baixo relevo (exciso e inciso*, contrastando a cor escura natural do arenito com musgo seco, com a cor clara das *áreas em exciso* (Fig. 10). Sobre a parede arenítica do patamar superior da encosta do chapadão. Em 1975 a porção direita do conjunto estava se desfazendo e irreconhecível em função da vertente que foi reativada por

pressão do aquífero, com perda da coesão arenítica. O *corpo foi construído com linhas incisivas paralelas verticais, retas e curvilíneas acompanhando a forma corpórea*. O lado esquerdo do painel, é formado por outros menores cada qual com seus motivos e técnicas, os mesmos que decoram as cerâmicas. A forma do painel é retangular com ca. 4,5 m de extensão por 1,50-1,30 m de altura (Fig. 11). Encontramos outros dois Grafismo Escultórico na dolina do sítio MT-GU-13: Abrigo da Chaminé.

A *Fase Galera*: 14C ca. 1.160 a.P. [1060±100 (SI-3748) 60-70 cm em MT-GU-7: Galera 1] Ocupou o ecossistema do Rio Galera e afluentes desde o patamar superior até meia encosta do Chapadão dos Parecis (Fig. 1) ampliado até o sopé por Erig Lima (2011). Foi descoberta e registrada pelos integrantes (Simões e Araujo-Costa, 1978). No segundo mês de pesquisas descobrimos o primeiro sítio da Fase Galera registrado como MT-GU-07: Galera-1; em 1977 já eram seis (6) (Figs. 12 a 14). Das análises na *Fase Galera*, resultaram alguns traços culturais originários de *Valdívia*, *Machalilla* e *Jambeli*. Os sítios ocorrem em campo aberto com cemitérios em abrigo-sob-rocha e canais ou túneis, mas só na condição primeira são sítios-habitação com terra preta, evidência de agricultura engloba a mandioca, beijuzeiros ou assadores e semi-sedentarismo em aldeamentos. Como na *Fase Aguapé* nesta apresentação, nos dedicamos ao tratamento de superfície, da decoração – tipos e motivos – da cerâmica *Galera*, por serem estas variáveis a mais diagnósticas para a avaliação de traços culturais entre culturas doadoras e receptoras, como já ocorreu entre *Bacabal* e *Valdívia* (Miller 2009a). Agora, o resultado das análises circularão entre *Valdívia*, *Machalilla*, *Chorrera* e *Jambeli*, e *Bacabal* versus *Galera* (Figs. 12 a 14 e 18). A decoração da *Fase Galera* é elaborada com *Linhas Incisas Finas*, *as horizontais e verticais são retas e as inclinadas são escalonadas*. Os motivos: (1) *reúnem paralelamente várias linhas retas e escalonadas em conjuntos espaçados entre si com gravados de aves, arco raiado* (que na nossa cultura representa o sol nascente e/ou poente), etc.; ou (2) *losangos e meio-losangos alternados e contínuos, cujos centros contém respectivamente uma pequena cruzeta puntiforme. cruzetas simples à encorpada, complexa, e “cristas três pontas” excisas nos ângulos internos identificando essa comunidade ou metade* dentre outras que co-habitavam a região (Fig. 12). Em exemplares *dos dois tipos mais abundantes da Fase Galera, ocorrem exemplares polidos enegrecidos destacando o retoque branco sobre o inciso e os emblemas*. Estão presentes *vasos antropomorfos, pesos-de-fuso e pendentes* (Fig. 13). Vínculo tipológico entre a *Fase Machalilla* e a *Fase Galera*: tipo linha inciso fino, *motivo em arco raiado*; vínculo tipológico entre a *Fase Valdívia* e a *Fase Galera* com: *tipo linha inciso largo e profundo, e fino, motivo escalonado*; vínculo temático entre a *Fase Aguapé* e a *Fase Galera*: *zoo-gravuras*. Ocorrem apliques antropomorfos (Fig. 14).

As *Fases Taquara* <sup>14</sup>C ca. 1.630 a.P. [1520±110 (SI-414) 15-20 cm] e *Guatambu*, <sup>14</sup>C ca. 2.000 a.P. [1810±185 (SI-813) 20-30 cm] ou a cerâmica dos bugres

para uns, dos Kaingang/Shokleng para outros. Era conhecida desde o início da colonização européia do sudeste do Planalto Meridional, pelos colonos alemães, italianos, fazendeiros portugueses, açorianos, etc. Com as pesquisas arqueológicas do PRONAPA em 1965-66 foi cunhado o nome de *Fase Taquara* para essa cultura (Miller, 1967). As análises e o estudo comparativo foram revelando: dentre o tempero da argila, das formas e proporções do vasilhame, do tratamento de superfície, das técnicas e dos motivos de decoração, a semelhança de alguns desses atributos com alguns similares dentro da *Tradição Valdívia*, que poderiam ser conseqüências de difusões, evoluções e adaptações. Assim a *Fase Taquara* resistiu ao exame e passou a fazer parte da malha de culturas com origem parcial em *Valdívia* (Meggers, Fig. 16: 1972, 1979). Os mesmos da *Fase Valdívia* como vinha acontecendo entre *Valdívia* e muitas outras culturas envolvendo não só a cerâmica mas os artefatos líticos, ósseos, conchíferos, e suas funções. Em 1970, então com o nome abrangente de *Fase Taquara*, e com o mesmo propósito de revelar até onde chegaram, no espaço e no tempo, as difusões de traços culturais de *Valdívia* presentes na decoração da então *Fase Taquara*, nas formas de vaso, técnicas e motivos.

A *Fase Guatambu* foi descoberta e cunhada em 1968, durante o quarto ano do PRONAPA entre 1968-69 com as pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional (Miller, 1971). Se as análises e os estudo comparativo entre a *Fase Taquara* e a *Tradição Valdívia* revelaram algumas semelhanças quanto algumas formas entre o vasilhame de ambas, no tratamento de superfície, das técnicas e motivos de decoração, as semelhanças entre a *Fase Guatambu* e a *Fase Valdívia* em alguns desses atributos não deixa dúvida alguma quanto a difusão entre vários atributos análogos dentro da cerâmica *Jomon*, *Tradição Valdívia* e da *Fase Guatambu* (Figs. 15, 16 e 17) que possui tipológica e quantitativamente os atributos mais assemelhados e preservados em relação aos traços da *Fase Taquara*. Elas poderiam ser conseqüências de difusões, adaptações alteradas pela variação geomorfológica, climática e ecológica, do Pacífico com correntes marinhas frias, perpassando uma imensa continentalidade em diagonal, do noroeste para o sudeste até o Atlântico com correntes marinhas tanto quentes como frias. Assim, a *Fase Guatambu* com ca. 70% decorada-15% simples como a *Fase Taquara*, com ca. 85% decorada-15% simples, passou a fazer parte da malha de culturas com origem em *Valdívia* (Meggers, 1970, 1972, 1979; Miller 1968, 1971) (Figs. 15 e 16). As mesmas doações da *Fase Valdívia* como vinha ocorrendo entre *Valdívia* e outras culturas receptoras envolvendo não só a cerâmica mas os artefatos líticos, concha e chifre, em coleções maiores.

## Discussões e Conclusões

A minha busca pelo estágio insipiente das cerâmicas, com as quais me fui deparando, teve como primeiro resultado a cerâmica *Bacabal* dos sambaquis

de água doce do Pantanal do Guaporé, RO-BR, com analogias na cerâmica da *Tradição Valdívia* da Costa do Equador, com baixa subsistência de molucos marinhos, não resultando em sambaquis. Aportaram com cerâmica já evoluída há ca. 5.800 anos atrás, derivada da cerâmica *Jomon Médio* da ilha japonesa de Kiushu, cujo estágio Insipiente ocorreu ca. 13.000 a. P. Na América se difundiu amplamente por ambos os hemisférios até latitudes subtropicais.

Várias outras culturas cerâmicas originárias de sambaquis de águas marinhas, salobras e doce tem revelado uma antiguidade ao redor de 4.000 a 7.500 a.P. e teria a cerâmica Taperinha como a mais antiga, com base em datações, segundo Roosevelt, mas com tipos cerâmicos de decoração Barlovento e Manacapuru (que não atingem os 4.000 a.P. na Amazônia Central que contam com menos da meia idade da antigüidade obtida (3500+/-100-2800+/-80a.P.) na Colômbia. E temos ainda o nível das águas do Amazonas que no máximo do Óptimum Climáticum (5.500 anos a.P.), mais quente e mais chuvoso, com o nível fluvial e das marés de então, bem maiores que as atuais, que deveria chegar até quase a confluência do Amazonas com o Negro. Para Taperinha, deveria ser um problema pela posição altimétrica em que ele se encontra. E enquanto não for esclarecida essa série de obstáculos para o aceite ou não da antiguidade de Taperinha, ela permanece uma questão em aberto.

A quantidade das coleções cerâmicas antigas, afora as da Colômbia e Equador são muito pequenas; e com problemas dificilmente solucionáveis; enquanto assim for, a única candidata com possibilidades de ser a cultura formativa autóctone mais antiga é a San Jacinto 1. Contudo foi a segunda a *Valdívia* que claramente se dispersou, colonizou e se difundiu pelas três Américas. A antiguidade das cerâmicas em sambaquis de água doce, são abundantes mas não ultrapassam a 4.050 a.P. com referência ao sambaqui *Monte Castelo* da cultura *Bacabal*, cujo Corte-4, 2x2x2m (8m3) produziu 3.312 fragmentos de vasilhame com decorados entre 13,04 e 23,86% (Miller 2009a), e *Taperinha* é problemática como visto acima. Como as regiões são muito grandes e muito pouco pesquisadas, toda a afirmação sempre se refere ao conhecimento pontual do momento.

A continuidade das pesquisas, sobre a origem das cerâmicas: da *Tupiguaraní* da Faixa Costeira do Brasil, resultou na descoberta da sua origem do seu estágio insipiente em desenvolvimento na região do alto Ji-Paraná, RO, Brasil; a primeira tradição com origem em território brasileiro donde se expandiu pelas terras baixas da América do Sul: o tipo *Pintado* para o Oriente e o tipo *Corrugado Complicado* para o Ocidente.

A análise do acervo arqueológico aponta para várias outras Tradições cujos princípios incipientes são desconhecidos cobrindo vastas regiões como a *Tradição Policroma* com várias subtradições mas que resiste em revelar

sua origem, que para o leste não é, e com resultados como o da *Subtradição Jatuarana* a mais antiga apontando para fora do Brasil, talvez para oeste, para o alto Beni. Entre essas tradições maiores ocorrem nos afluentes menores o que comumente se nomeia de *Tradições Regionais*; cuja diversidade é grande como a Amazônia; no rio Marmelo afluente do Madeira com datas até 7300 anos a.P. por serem creditadas.

## **Parte dos Sítios e Fases Arqueológicas das Pesquisas Arqueológicas. Mato Grosso e Rondônia. PROPPA- Programa Paleoíndio e Paleoambiente. MARSUL, SI e NGS. 1974-1977**

MT-AJ-1: Camararézinho, *Camararé*, 150x80m, mata ciliar-Ig. Camararézinho-1977-20 km BR-364,1974; S/A-C 1978.

MT-AJ-2: Posto Fritz, *Aguapé*, 300x190m, mata ciliar-Ig. Juina-Posto da FUNAI,20 km BR-364,1975; S/A-C 1978.

MT-AJ-3: Cerro Azul, *Aguapé*, 180x110m, mata ciliar-Ig. Juina-Posto da FUNAI Cerro Azul-1974- 20 km BR-364,1974; S/A-C 1978.

MT-AJ-4: Formiga-1, pré-cerâmico, *Jatobá*, 1977; S/A-C 1978.

MT-AJ-5: Formiga-2, *Aguapé*, 100x60m, cerrado-rio formiga afl. juruena-5km da faz. Formiga/montedam-1977;S/A-C 1978.

MT-GU-1: Abrigo do Sol, *Aguapé* (2.500 a.P.), Poaia, Dourado,180x110m,Rio Gal.-Faz.Aguapé-mata-Ig. Dourado-20km BR-364-1974; S/A-C 1978.

MT-GU-2: Aldeia Velha-1, *Aguapé*, 130x70m,cercado,ig,4km de MT-GU-1, faz. aguapé, 1974-5; S/A-C 1978.

MT-GU-3: Montedam-1, *Aguapé*, 180x70m, km560BR-364, 16km da faz. Montedam, 1975; S/A-C 1978.

MT-GU-4: Montedam-2, *Aguapé*, 250x100m, km560BR-364, 13km da faz. Montedam, 1974-75; S/A-C 1978.

MT-GU-5: Montedam-3, *Aguapé*, 200x80m, km560BR-364, 10km da faz. Montedam, prox. PCA-Uirapuru,1974-75; S/A-C 1978.

MT-GU-6: Sorana, *Caju*, 140x90m, 40 km da faz. Montedam km560BR-364,1975; S/A-C 1978.

MT-GU-7: Galera-1, *Galera*, 160x80m, 25km da BR364 e da faz. Aguapé,km550,1975; S/A-C 1978.

MT-GU-8: Waioco, *Aguapé*, abrigo cerimonial e acampamento a 200m ao sul de MT-GU-1, 20km da BR-364, da faz. aguapé,1974-75; S/A-C 978 MT-GU-9: Aldeia Velha-2, *Aguapé*, mata 200m de ig. Entre MT-GU-1 e MT-GU-2, faz. Aguapé, a 20 km da BR-364, 1974; S/A-C 978.

MT-GU-10: Abrigo do Igarapé, *Aguapé*, cerim./acamp. 19km da BR-364, 2 abrigos geminados a 1km de MT-GU-2, faz.aguapé, 1974; S/A-C 1978.

MT-GU-11: Abrigo da Onça, *Aguapé* Acamp./cerim.,entre MT-GU-6 e MT-GU-8, 20km da BR-364, km620, 1974; S/A-C 1978  
MT-GU-12: Abrigo do Lago, *Galera*, Acamp./cerim.,em caverna, 15km da BR-364, km 580, faz.aguapé, 1974; S/A-C 1978.

MT-GU-13: Abrigo da chaminé, *Aguapé*, Acamp./cerim.,em caverna, 15km da BR-364, km580, faz.aguapé, 1974; S/A-C 1978.

MT-GU-14: Aguapé-1, *Aguapé* 250x100m, km560BR-364, 13km da faz. Montedam, 1974-75; S/A-C 1978.

MT-GU-15: Aguapé-2, *Aguapé* 170x90m prox, sede faz. Aguapé, mata, 36km BR-364, km 610,1974; S/A-C 1978.

MT-GU-16: Duas Moças, *Aguapé*, 190x100m prox, sede faz. Santa Terezinha, mata, 50km BR-364, km 690,1974-75; S/A-C 1978.

MT-GU-17: Abrigo do Pajé, *Aguapé* 15km BR-364, km 615,1974-75; S/A-C 1978.

MT-GU-18: Rio Novo, Aguapé, 350x300m, floresta, afl. galera m.e.1977; S/A-C 1978.

MT-GU-19: Galera-2, *Aguapé*, 150x80m, ca. 3km ao norte deMT-GU-7: Galera I,floresta c. roça nambiquara, 1977; S/A-C 1978.

MT-GU-20: Usina-1, *Jatobá*, 200x100m, sítio oficina pré-cer., na flor./cerr. Entre 2 ig. PCH da Montedam BR-364, km 690,1977; S/A-C 1978 .

MT-GU-21: Aguapé-3, *Aguapé*, 300x200m, mata/pasto, faz.Aguapé, 38km da BR-364, km620, 1977; S/A-C 1978.

MT-GU-22: Rio Verde-1, *Tracajá*, 150x100m, Faz. Guaporé,1977; S/A-C 1978.

MT-GU-23: Rio Verde-2, *Tracajá*, 120x80m, , Faz. Guaporé,1977; S/A-C 1978.

MT-GU-24: Rio Verde-3, *Neobrasileiro*, 100x100m, , Faz. Guaporé,1977; S/A-C 1978.

MT-GU-25: Betânia-1, *Sucurí*, 300x160m, 1977; S/A-C 1978.

MT-GU-26: Betânia-2, *Sucurí*, 100x70m, 1977; S/A-C 1978.

MT-GU-27: Tamanduá, *Proto-Tupiguaraní*, 110x70, 2km NWde MT-GU-1, Faz. Aguapé- mata/cerr.Ig. Dourado-22km BR-364,1974-77;.

MT-GU-28: Usina-2, *Galera*, 260x120m, sítio na mata/cerr., entre 2 ig. 1,5km da PCH da Montedam50km BR-364, km 688,1977;.

MT-GU-29: Usina-3, *Galera*, abrigo funerário na mata/cerr., entre 2 ig. 1,5km da PCH da Montedam 50km BR-364, km 688,1977;.

MT-GU-30: Usina-4, *Galera*, canal abrigo funerário na mata/cerr., a leste da PCH 300m Montedam,1977;.

MT-GU-51: Guaporé-1, *Aguapé* (Miller 1994); ou Guapé 1, resgate por Wüst-IGPA/

UCG-1999, m.e. Rio Guaporé sob eixo barragem da PCH Guaporé;.

MT-GU-52: Guaporé-2, *Aguapé* (Miller 1994); ainda não resgatado por Wüst-IGPA/UCG. Na m.e. Rio Guaporé 4 km acima de Guapé 2;.

MT-GU-53: Guaporé-3, *Aguapé* (Miller 1994); ou Guapé 2, resgate por Wüst-IGPA/UCG-1999, m.d. Rio Guaporé, a ser inundada, lago PCH Guaporé; ).

CULTURAS: *AGUAPÉ* – 19 sítios (AJ-2 e 3, 5; GU-1 a 5; 8 a 10 e 11, 51 a 53); *CAMARARÉ* – 1 sítio (AJ-1); *JATOBÁ* – 1 sítio (GU-20); *TRACAJÁ* – 2 sítios (GU-22 e 23); *GALERA* – 4 sítios (GU-7 e 28 a 30); *CAJU* – 1 sítio (GU-6); *PROTO-TUPIGUARANI* – 1 sítio (GU-27); *SUCURI* – 2 sítios (GU 25 e 26); *NEOBRASILEIRO* – 1 sítio (GU 24) = 36 sítios.

BIBLIOGRAFIA: Miller 1974b, 1975, 1977, 1986a-c, 1987a-b, 1994; Simões 1972; Araujo-Costa 1978.

## Legendas

Fig. 01 – Áreas mínimas de ocupação. Da *Fase Bacabal* no Pantanal do Guaporé, Rondônia-Brasil representada por 12 sítios, sendo 2 sambaquis, 9 acampamentos sazonais e 1 em “ilha” com terra preta. Da *Fase Aguapé* com 22 sítios no patamar superior do Chapadão dos Parecis desde o Rio Guaritire (ou Piolho) m.d. do Rio Guaporé e as nascentes do Rio Camamarezinho m.e. do Rio Juruena no altiplano até o alto rio Jaurú do Pantanal do Mato Grosso, e as nascentes do Rio Buriti do Rio Juruena no altiplano. Da *Fase Galera*, com 07 sítios-habitação com terra preta, do patamar superior à meia encosta do Chapadão dos Parecis, entre o Rio Novo e um afluente do Córrego Banhado, ambos afluentes do Rio Galera. Pesquisas de Erig Lima (2011) encontra a *Fase Galera* junto de outras fases no sopé do chapadão, que parecem ter ligação com cerâmicas da Costa do Equador.

Fig. 02 – *Fase Bacabal*: variedade dos tipos com técnicas *incisas* e *excisas*, em vasta gama de motivos, empregadas na decoração plástica, mista ou plástica com engobo ou banho, em extensa gama do vermelho (alaranjado à vinho nesta cerâmica, ao longo de 3.350 anos de 4.050 até 700 anos atrás.

Fig. 03 – Comparação da decoração *incisa em zigue-zague* da *Fase Bacabal* (em cima) com a da *Fase Valdívia* (em baixo). Uma banda horizontal zigue-zague define zonas triangulares com incisões paralelas (*Fase Bacabal*) ou cruzadas (*Fase Valdívia*) adjacentes à borda, ou bandas intersectadas definem *zonas em forma de diamante* com o mesmo tratamento.

Fig. 04 – Comparação da decoração *incisa* da *Fase Bacabal* (em cima) e da *Fase Valdívia* (em baixo). Zonas de incisões paralelas retas ou ligeiramente curvadas têm intersecções angulares que tendem a transpassarem-se.

Fig. 05 – Comparação da decoração *Hachurada Cruzada* da *Fase Bacabal* (em cima) e da *Fase Valdívia* (em baixo) *Bandas ou Zonas Triangulares Hachuradas*

estão separadas por bandas de largura variável simples na *Fase Bacabal* e com uma ou duas incisões retas paralelas na *Fase Valdívia*, ou a decoração *Incisa Hachurada* estende-se sobre toda a superfície.

Fig. 06 – *Subtradição Jatuarana, Tradição Policroma* com cerâmica altamente desenvolvida e elaborada já há 3.000 a.P. Desde o baixo rio Mamoré (Guajará Mirim-RO) à região de entorno à desembocadura do rio Madeira com o rio Amazonas-AM. Nessa extensão, variações e combinações inclusive com *Tradições Regionais*, sugerem o desdobramento das subtradições em fases, tarefa esta que demandará o domínio de conhecimentos ainda não existente. Entre os fragmentos com decoração plástica e pintada multicolor com bordas trabalhadas em recortes escalonados e sinuosos, se destaca uma urna funerária antropomorfa, cuja forma é comum e predominante nesta subtradição.

Fig. 07 – *Fase Aguapé* – decoração com técnica do *inciso lavrado ou raspado* e do *raspado em baixo relevo* executado entre *pós perda da plasticidade ou desidratado e pré-queima*; e a grande variedade de setores combinando motivos em losangos, triângulos e retângulos, simples, ponteados, excisos, quadriculados; dos mais simples em triângulos ladeados por linhas duplas, aos mais complexos. Um ponto exiso a uma crista excisa é acrescido no interior do losango central.

Fig. 08 – *Fase Aguapé*: mesmas técnicas e processos de feitura. Decoração reticulada; antropomórfica esquemática e naturalista, com apliques, pernas e braços; com o hachurado representando o perfil do corpo de rã encrustado num campo reticulado, parte em tabuleiro de dama.

Fig. 09 – Os dois principais tipos decorados da *Fase Aguapé*, apresentados graficamente são: (1) faixas compostas pela variedade de geométricos losangulares e meio-losangos, desdobrados diagonal e transversalmente, em zonas triangulares hachuradas, e ou exciso-raspado. (2) faixa contendo zonas micro reticuladas onde se encaixa a imagem esquemática do corpo perfilado de uma rã (decúbito ventral), ladeada pelo reticulado em tabuleiro-de-dama.

Fig. 10 – Comparação da (1) decoração hachurada cruzada da *Fase Valdívia* (em baixo), da *Fase Bacabal* (ao meio) e da *Fase Aguapé* (em cima) bandas ou zonas triangulares hachuradas estão separadas por bandas de largura variável simples na *Fase Bacabal*, com uma ou mais linhas incisas incisões retas e paralelas na *Fase Valdívia* e na *Fase Aguapé* ou, o inciso hachurado estende-se sobre toda a superfície. (2) comparação da decoração em tabuleiro-de-damas da *Fase Machalilla* (no meio a direita) e da *Fase Aguapé* (em cima a direita).

Fig. 11 – MT-GU-17: Abrigo do Pajé. *Grafismo escultórico* da *Fase Aguapé*, representando um xamã, executado em baixo relevo (*exciso e inciso*, contrastando a cor escura natural do arenito, com a cor clara das áreas em *exciso*) sobre a parede arenítica do patamar superior da encosta do chapadão. Em 1975 a porção direita do conjunto estava se desfazendo e irreconhecível em

função do musgo da vertente que foi reativada por pressão de aquífero, com perda da coesão arenítica. O corpo foi construído com linhas incisivas paralelas verticais, retas e curvilíneas acompanhando a forma corpórea. O lado esquerdo do painel é formado por outros menores cada qual com seus motivos e técnicas, os mesmos que decoram a cerâmica *Aguapé*. A forma do painel é retangular com ca. 4,5 m de extensão por 1,50-1,30 m de altura. Encontramos outros dois Grafismo Escultórico na dolina do sítio MT-GU-13: Abrigo da Chaminé; foi elaborado à luz de fogueira no fundo escuro da dolina; os grafismos a carvão estão concentrados na porção frontal e clara da abertura do abrigo.

Fig 12 – A decoração da *Fase Galera* é elaborada com *linhas incisivas finas*. As horizontais e verticais são retas e as inclinadas são escalonadas. Os motivos: (1) reúnem paralelamente várias linhas retas e escalonadas em conjuntos espaçados entre si com gravados de aves, arco raiado (que na nossa cultura representa o sol nascente e/ou poente), etc.; ou (2) losangos e meio-losangos alternados e contínuos, cujos centros contém respectivamente uma *pequena cruzeta puntiforme*, cruzetas simples à encorpada *complexa*, e “*cristas três pontas*” excisadas nos ângulos internos identificando essa comunidade ou metade dentre outras que co-habitavam a região.

Fig. 13 – Em exemplares dos dois tipos mais abundantes da *Fase Galera*, ocorrem exemplares *polidos enegrecidos destacando o retoque branco sobre o inciso e os emblemas*. Estão presentes *vasos antropomorfos*, pesos-de-fuso e pendentes.

Fig. 14 – Vínculo tipológico entre a *Fase Machalilla* e a *Fase Galera*: tipo *linha inciso fino, motivo em arco raiado*; vínculo tipológico entre a *Fase Valdívia* (?) e a *Fase Galera* com: *linha tipo inciso largo e profundo, e fino, motivo escalonado*; vínculo temático entre a *Fase Aguapé* e a *Fase Galera*: *zoo-gravuras*. Ocorrem apliques antropomorfos.

Fig. 15 – Alguns traços culturais similares entre *Jomon*, *Valdívia* (Estrada, Meggers and Evans 1965) e *Guatambu*, através de alguns tipos Cerâmicos (Miller 1971, Est. 9 e 10; esta Fig. e Fig. 16).

Fig. 16 – Vasilhame *Guatambu* e *Valdívia*; formas distintas mas tipo de decoração similar *Guatambu* é a difusão mais longínqua da origem *Valdívia* que é o doador principal dessa longa série de doações e recepções culturais cerâmicas e em alguns exemplos, também do material de expediente, cujo exemplo é o receptor *Bacabal*.

Fig. 17 – Acima: Sentido da corrente marinha facilitando migrações para a América por ocasião de impactos ambientais, devido a erupções vulcânicas como a ocorrida em 6300 a.P., com possíveis arrastes de barcos em eventos migratórios pós desastres ecológicos ocorridos, dificultando a sobrevivência e desencadeando por repasse a cultura *Jomon* renomeada de *Valdívia* em território da Costa do Equador. Abaixo: *Valdívia* nos episódios A – B, do

início a 4000 a.P. entre as ocorrências arqueológicas com traços culturais derivados da *Fase Valdivia-c* e outras culturas ceramistas posteriores ao longo do Caminho Andino-Amazônico Pastaza ~ Guaporé (fontes: Athens 1984; Lathrap 1975; Meggers 1972, 1979; Meggers, Evans, Estrada 1965; Miller 1978, 1980, 1983, 2009; Porras 1975; Weber 1975). Complexos com nomes em parêntesis são mais recentes, mas, incorporam tratamentos de decoração mais remanescentes. Na planície do Rio Guaporé médio, entre a m. d. do Rio e Pantanal do Guaporé, ocorrem fases mais recentes ocorrendo nesse trabalho as primeiras investigações sobre vínculos com as *Fase Valdivia* e *Bacabal*, como: *Limeira*, *Mateguá*; *Corumbiara* e *Pimenteira* (Miller 1980, 1983). já as Fases recentes: *Pirizal*, *Tarioba* e *Muiratinga* (entorno do Pantanal do Guaporé), *Aguapé*, *Galera* e *Caju*, nos patamares do Chapadão dos Parecis, apresentam traços que sugerem relações remanescentes com as fases *Valdivia*, *Machalilla*, *Pastaza*, *Chorrera* e *Bacabal* (Miller 1974-1980, 1994, 2009a). As fases próximas ao Rio Guaporé ocorrem em ambas às margens.

Fig. 18 – Alguns acréscimos no mapa da difusão de manufatura cerâmica no Novo Mundo, de Meggers (1979), com novas descobertas de fases portadoras de difusão de traços de tipos cerâmicos de *Valdivia*, *Machalilla*, *Correra* e *Jambeli*, distribuídas no centro da América do Sul, junto ao Pantanal do Guaporé e Chapadão dos Parecis.

## Figuras

FIGURA 1

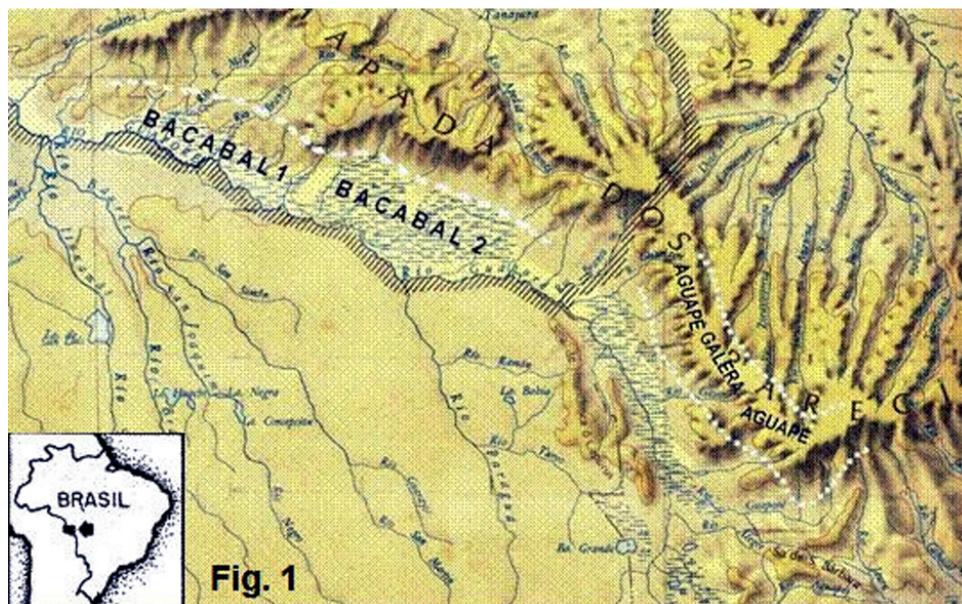
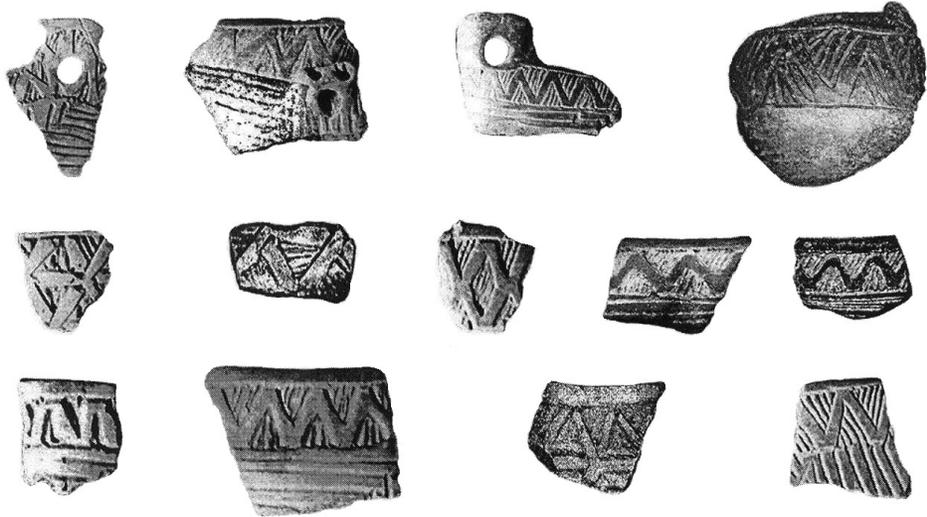


FIGURA 2



FIGURA 3

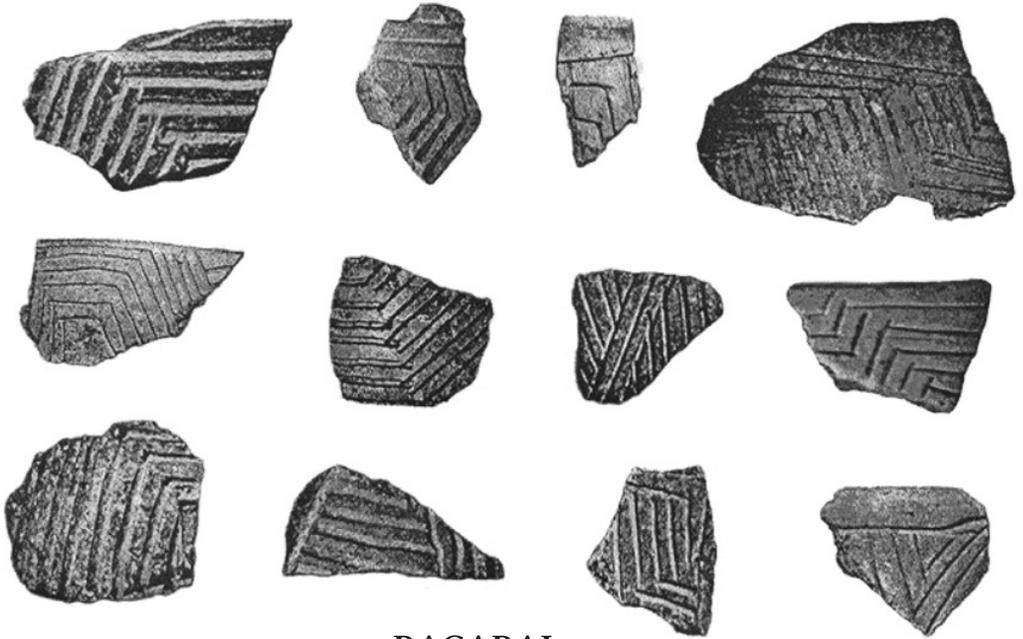


BACABAL



VALDÍVIA

FIGURA 4



BACABAL

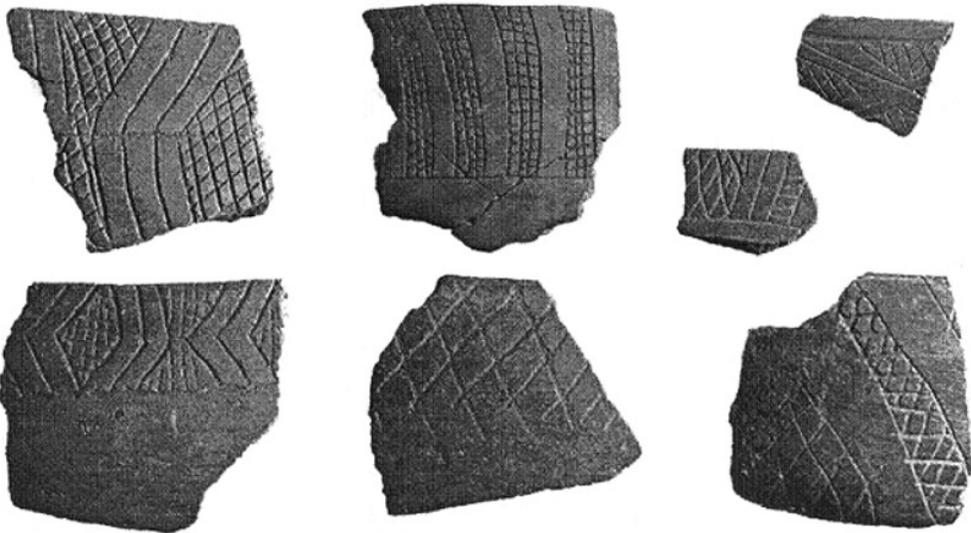


VALDÍVIA

FIGURA 5



BACABAL



VALDÍVIA

FIGURA 6



FIGURA 7



FIGURA 8



FIGURA 9

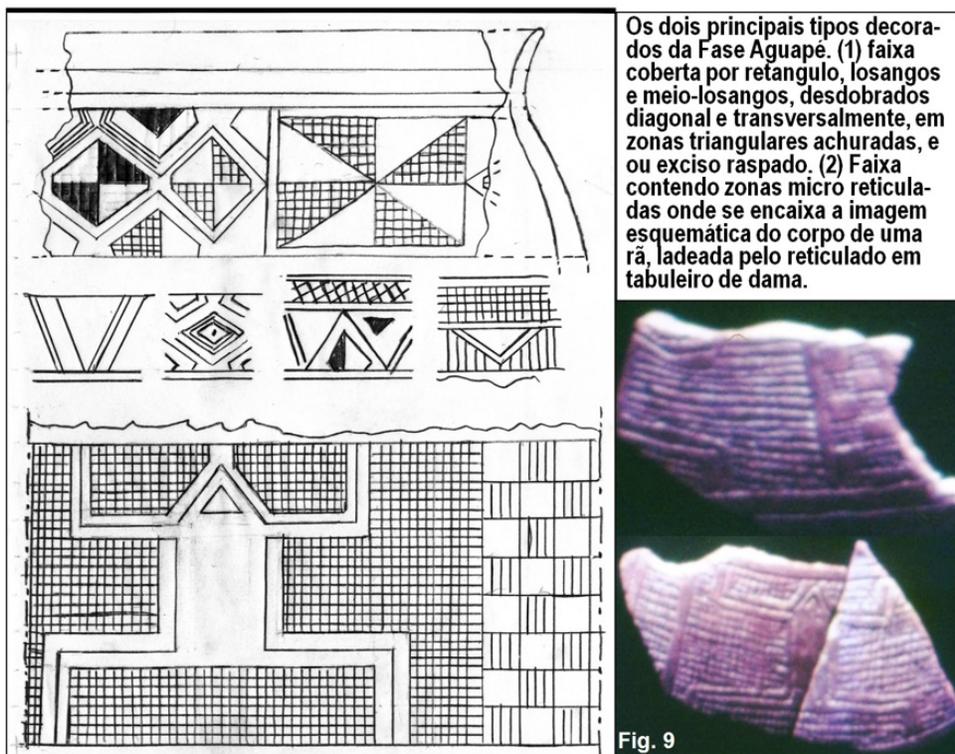
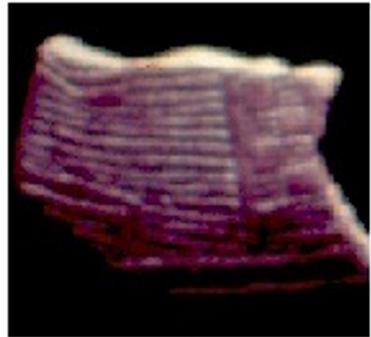


FIGURA 10



AGUAPÉ



AGUAPÉ



BACABAL



MACHALILLA



VALDÍVIA

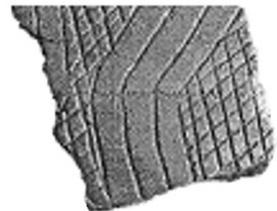


FIGURA 11



Fig. 11

FIGURA 12

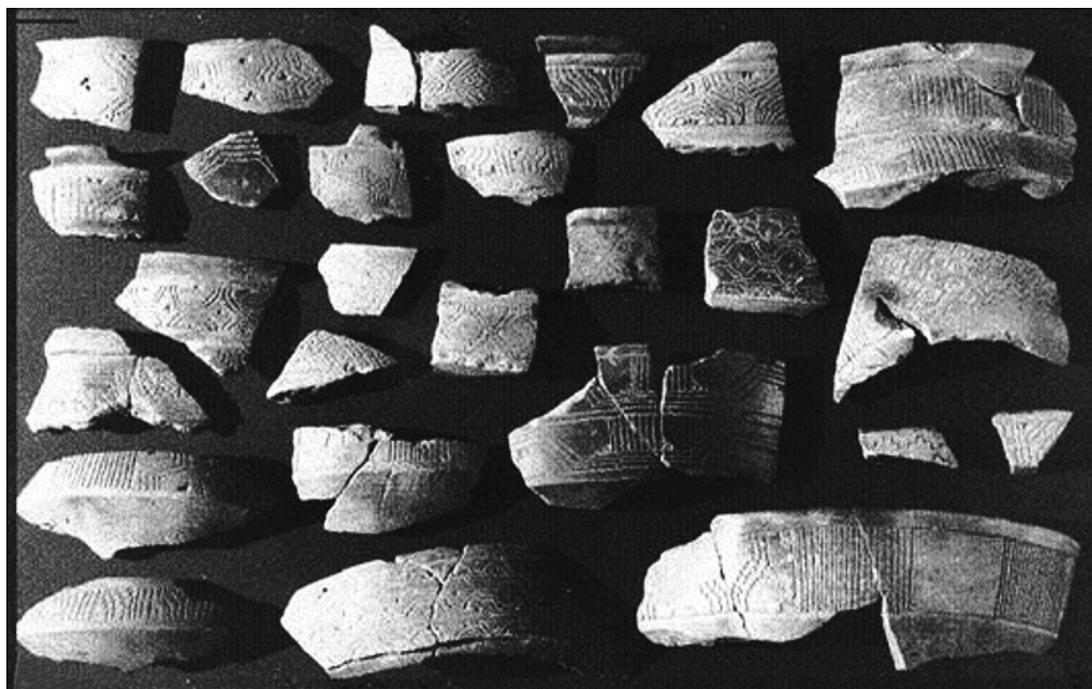
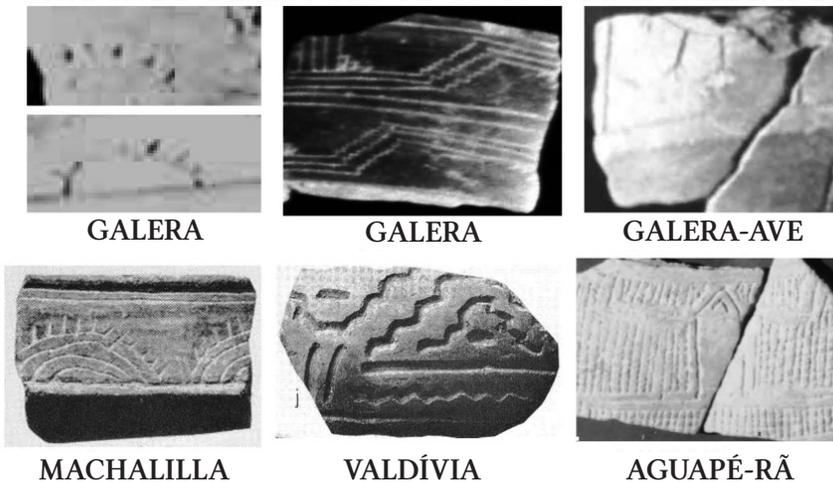


FIGURA 13



FIGURA 14  
VÍNCULOS CULTURAIS TIPOLOGICOS E TEMÁTICOS



VÍNCULO TIPOLOGICO ENTRE MACHALILLA E GALERA: LINHA TIPO INCISO FINO, MOTIVO EM *ARCO RAIADO*;  
VÍNCULO TIPOLOGICO ENTRE VALDÍVIA (?) E GALERA: LINHA TIPO INCISO GROSSO, E FINO, MOTIVO *ESCALONADO OU ZIGUE-ZAGUE*;  
VÍNCULO TEMÁTICO ENTRE AGUAPÉ E GALERA: *ZOOGRAVURAS*.

FIGURA 15

Alguns traços culturais similares entre *Jomon*, *Valdívia* (Estrada, Meggers and Evans 1965) e *Guatambu*, através de alguns tipos Cerâmicos (Miller 1971, Est. 9 e 10; esta Fig. e Fig. 16)

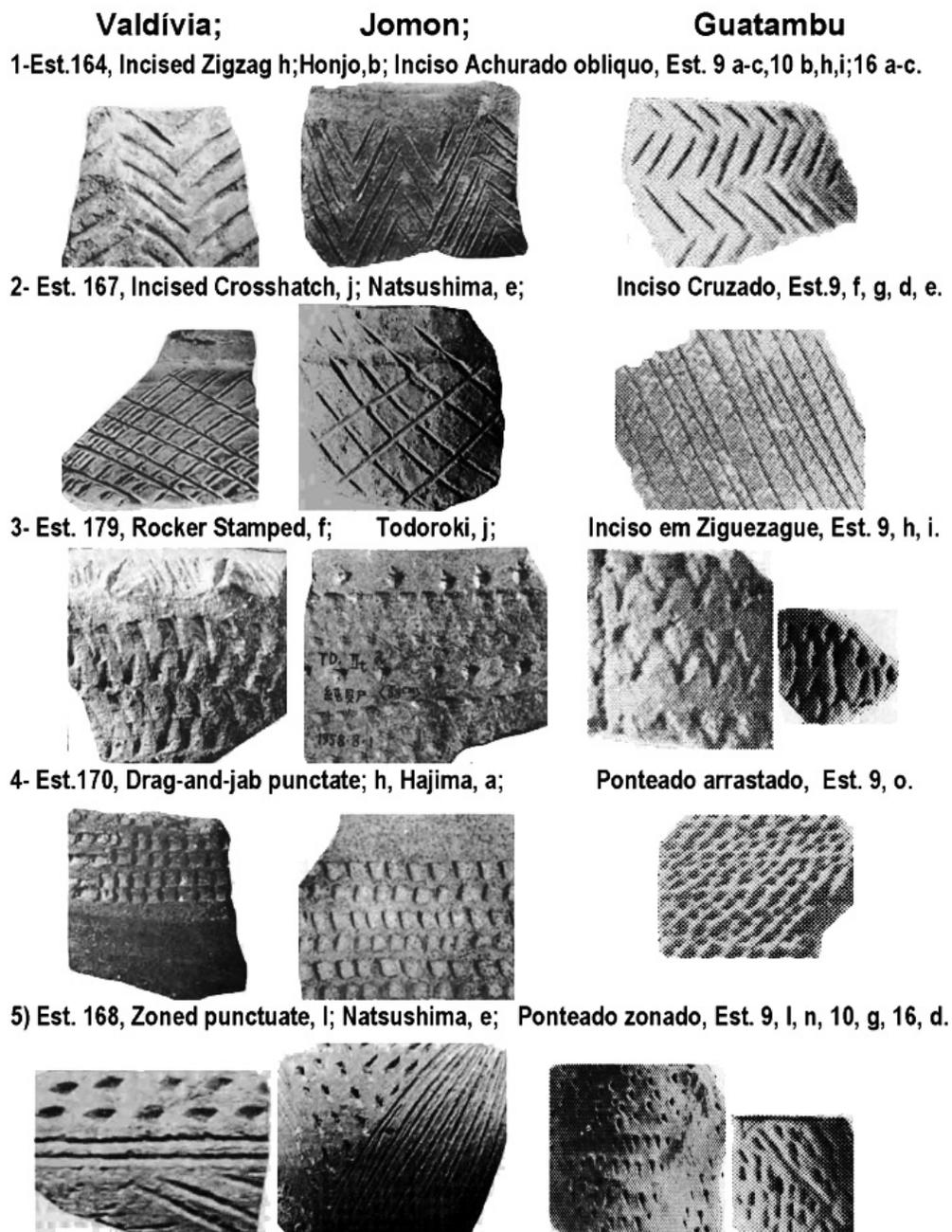


FIGURA 16

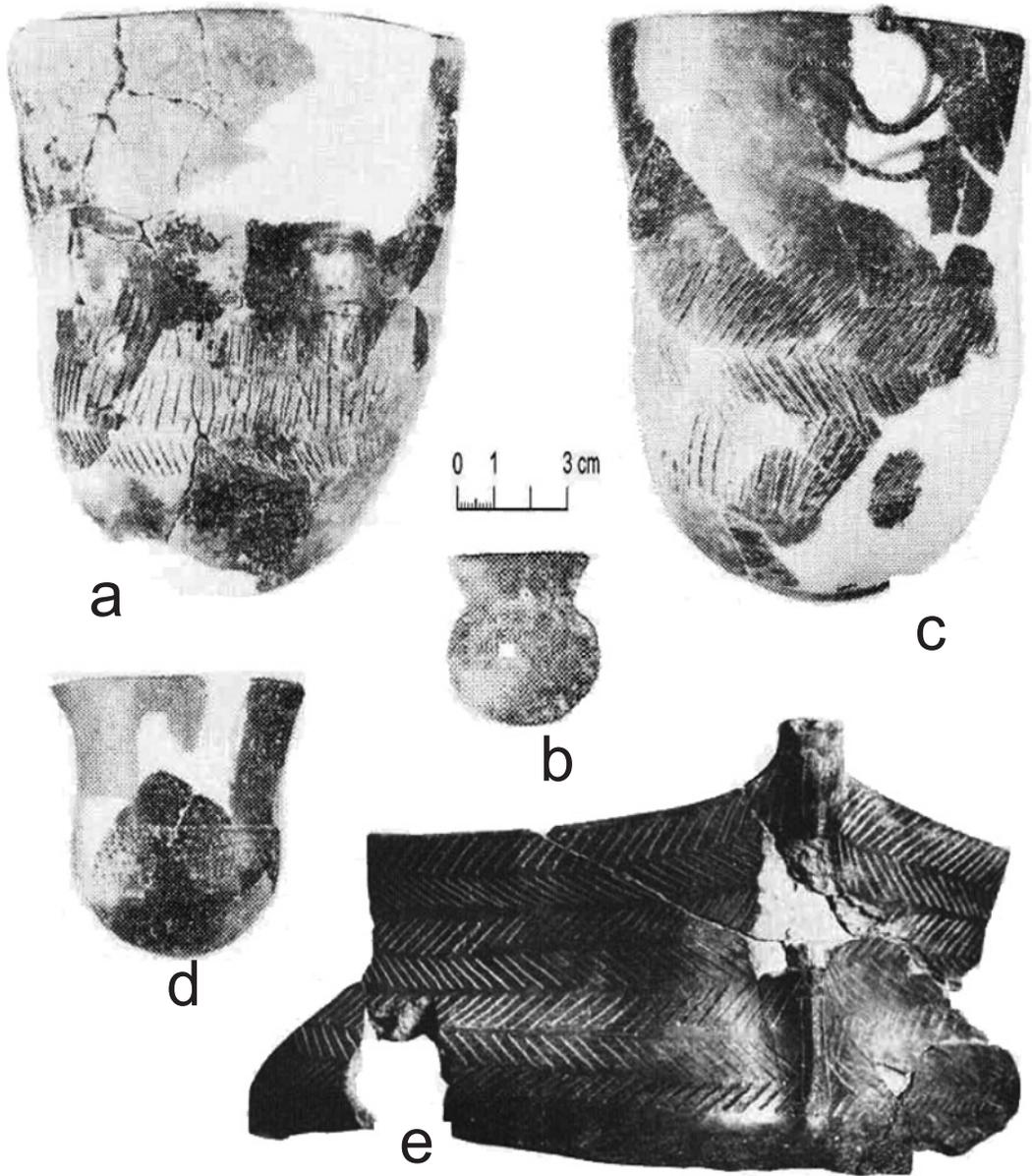
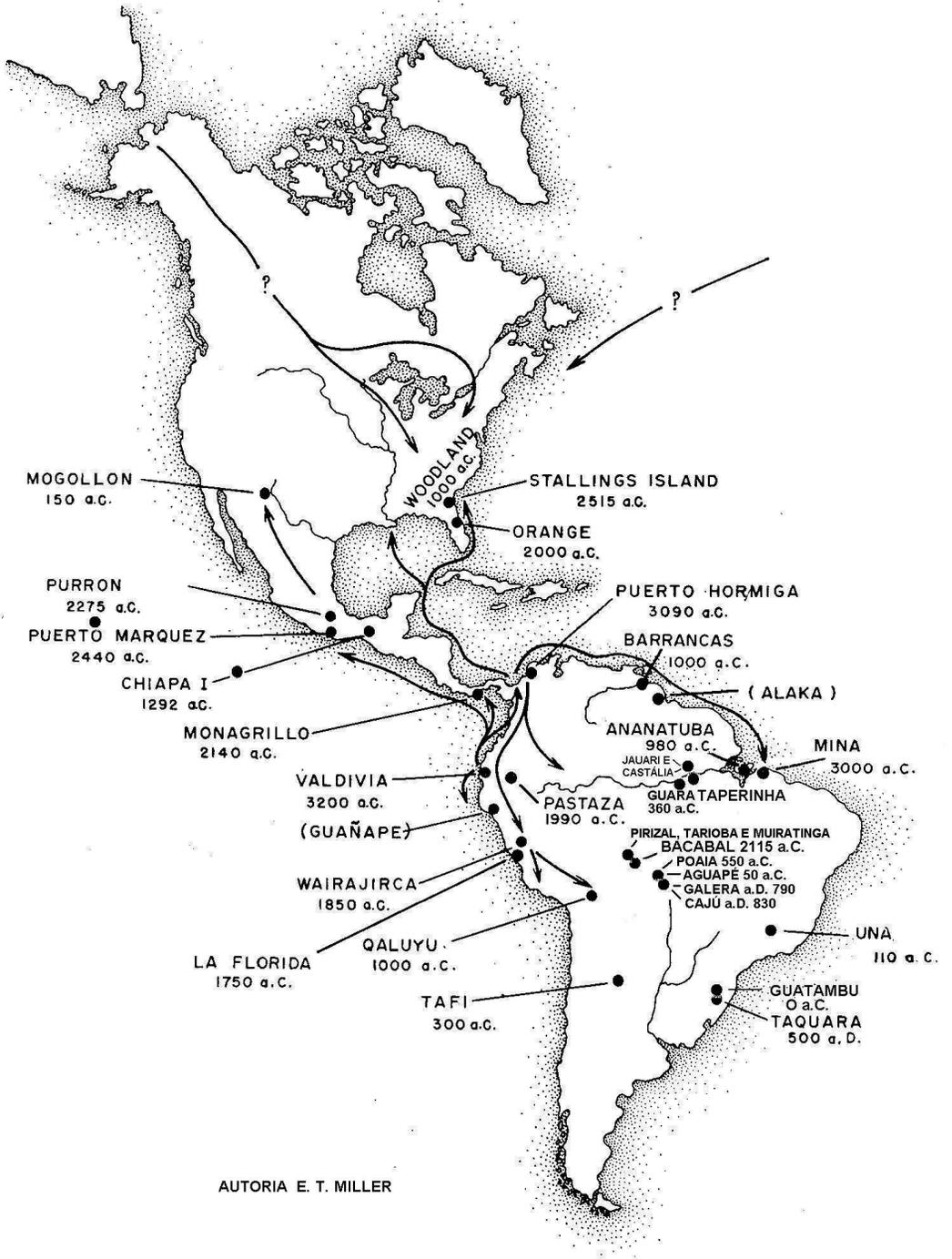




FIGURA 18



## Referências

- Ângulo-Valdéz, Carlos. 1981. *La tradición Malambo: um complejo temprano em El NW de Suramérica*. Fundación de Investigaciones Nacionales, Banco de La República, Bogotá.
- Brochado, José P. et al.. 1969. Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar.
- Chmyz, Igor (Ed.). 1966. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Parte I. *Manuais de Arqueologia* 1:1-10. Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas.
- \_\_\_\_\_. 1969. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Parte II. *Manuais de Arqueologia* 2:1-10. Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas.
- \_\_\_\_\_. 1976. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica (revista e ampliada). *Cadernos de Arqueologia* 1:119-148.
- Coe, Michael, D. 1960. Archeological Linkages with North and South America at La Victória, Guatemala. *American Anthropologist* 62:363-93. Menasha.
- Cruz, Daniel G. da. 2008. Lar, Doce Lar? Arqueologia Tupi na Bacia do Ji-Paraná (RO). Dissertação de Mestrado em Arqueologia. MAE/USP, São Paulo.
- Echeverria, José A. (Ed.). 2012. Introducción. In: José A. Echeverria (Ed.). *Betty J. Meggers: setenta y cinco años de trayectoria exitosa en la arqueología sudamericana*. Kirugraphics Cia. Ltda, Quito, Ecuador, pp. 21-84.
- Engesa. 1991a. Companhia Imobiliária de Brasília, Diretoria Técnica. Estudo de Impacto Ambiental - EIA.
- \_\_\_\_\_. 1991b. Estudo de Impacto Ambiental - EIA, Zona de Expansão Urbana 1, 2-ZEU-1, RA-II, Gama: Versão definitiva. Brasília.
- \_\_\_\_\_. 1991c. ENGEA-Relatório de Impacto Ambiental - RIMA, Zona de Expansão Urbana da Cidade Satélite de Brazlândia - Versão definitiva. Brasília.
- \_\_\_\_\_. 1991d. ENGEA-Relatório de Impacto Ambiental - RIMA, Zona de Expansão Urbana 1, 2-ZEU-1, RA-II, Gama: Versão definitiva. Brasília.
- \_\_\_\_\_. 1992a. Estudo de Impacto Ambiental - EIA, Setores Habitacionais Recanto das Emas, Catetinho e Ipê, RA-VIII, Núcleo Bandeirante: Versão final. Brasília.
- \_\_\_\_\_. 1992b. ENGEA - Relatório de Impacto Ambiental - RIMA, Setores Habitacionais Recanto das Emas, Catetinho e Ipê, RA-III, Núcleo Bandeirante: versão final. Brasília.
- Estrada, Emilio. 1961. Nuevos Elementos en la Cultura Valdivia: sus Posibles Contactos Transpacíficos. Guayaquil, Publicación del Sub-Comite Ecuatoriano de Antropología. 14p. Il.
- Estrada, Emilio & Meggers, Betty J. 1962. Possible Transpacific Pacific Contact on the Coast of Ecuador. Washington, D.C., Science, 135(3501):371-2, Il.
- \_\_\_\_\_. 1966. Transpacific Origin of Valdivia Phase Pottery on Coastal Ecuador. In: XXXVI Congreso Internacional de Americanistas. España. Actas Y Memorias. Sevilla, V.1,63-7. Il.
- Estrada, Emilio, Meggers, Betty J. and Clifford Evans. 1964. The Jambelí Culture of

- South Coastal Ecuador. Smithsonian Institution, U.S. National Museum. *Proceedings* 115(3492). Washington [S.N.]
- Ford, James A. 1957. Método Cuantitativo para Determinar la Cronología Arqueológica. Instituto de Investigación Etnológica, Universidad del Atlántico. Barranquilla. *Divulgaciones Etnológicas* 6:09-44. Unión Panamericana, OEA, 122p. Il.
- \_\_\_\_\_. 1966. Early Formative Cultures In Georgia and Florida. Salt Lake City, *American Antiquity* 31(6):781-99. Il.
- \_\_\_\_\_. 1969. *A Comparison of Formative Cultures In the Americas. Diffusion or Psychic Unity of Man?* Washington, D.C., Smithsonian Contrib. Anthropol. 11. 211p. Il.
- Goulding, Michael; Ronaldo Barthem e Efreim Ferreira. 2003. *The Smithsonian Atlas of the Amazon. Cartography by Roy Duenas*. Smithsonian Books. Washington and London 253p.
- Hilbert, Peter P. 1959. *Achados Arqueológicos num Sambaqui do Baixo Amazonas*. Belém, Museu Goeldi, Inst. Antropol. Etnol.,(10). 22p. Il.
- \_\_\_\_\_. 1968. Archaeologische Untersuchungen am mittlerer Amazonas. In: *Beiträge zur vorgeschichte des südamerikanischen Tieflandes*. Berlin, Dietrich Reiner, 337 p. il. (Marburger Studien zur Völkerkunde, 1.)
- Lima Erig. 2011. A Ocupação pré-colonial na fronteira ocidental: Adaptabilidade humana, territorialidade e aspectos geomorfológicos na microrregião do alto Guaporé, Mato Grosso. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Machida, Hirochi y Fusão Arai. 1983. Widespread late quaternary tephros in Japan with special reference to archaeology. *Quaternary Research* 22 (3):133-146.
- Marcos, Jorge. G. y Bogomil Obelic. 1998. *14C and TL chronology for the Ecuadorian Formative. El Área Septentrional Andina*, pp. 342-359. Quito, AbyaYala.
- Meggers, Betty J. 1962. The Machallila Culture: An Early Formative Complex on the Ecuadorian Coast. *American Antiquity* 28(2):186-192.
- \_\_\_\_\_. 1964. North and South American Cultural Connections and Convergences. In: Jennings, J. & Norbeck, E., Eds. *Pré-Historic Man In The New World*, Chicago, Chicago Univ. Press, P.511-26. Il.
- \_\_\_\_\_. 1970. Prehistoric New World Cultural Development. *History of the Mankind: Cultural and Scientific Development*. Vol. 3. part 3. UNESCO (Greek Edition). Pp. 5-70. Multilith.
- \_\_\_\_\_. 1971. Contacts From Asia. In: ASHE, G. Et Al., Eds., *The Quest For America*. London. Pall Mall Press, 1971a. P.239-59. Il.
- \_\_\_\_\_. 1979. *América Pré-Histórica*. Tradução de Eliana Teixeira de Carvalho. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979c. 242p. [Translation of Prehistoric America, 1972] [2nd printing 1985].
- \_\_\_\_\_. 1980. Did Japanese Fisherman Really Reach Ecuador 5,000 Years Ago? *Early Man* 2(4):15-9. Il.

- \_\_\_\_\_. 1985a. *El Significado de la Difusión como Factor de Evolución*. Arica-Chile. Univ. Tarapacá, Chungará, 14:81-90. Il.
- \_\_\_\_\_. 1985b. A Utilização de Seqüências Cerâmicas Seriadas para Inferir Comportamento Social IAB. *Boletim Série Ensaio* 1-48. I1.
- \_\_\_\_\_. 1987. El Origen Transpacífico de la Cerámica Valdivia: una Revaluación. Santiago de Chile. *Bol. Mus. Chileno de Arte Pre-Colombino* 2:9-31. Il.
- \_\_\_\_\_. 1992. Jomon-Valdivia Similarities: Convergence or Contact ? New England Antiquities Research Association. *NEARA Journal* 27(1/2):22-32, Sum. Il.
- \_\_\_\_\_. 1992c. Projeto de Investigações Arqueológicas em Sambaquis de Água Doce ao Longo do Baixo Amazonas – Estado do Pará/Brasil. Uma avaliação do potencial crono-arqueológico do sítio PA-ST-27: Cernanbi de Taperinha, e outros nos municípios de Santarém, Alenquer e Monte Alegre. Brasília, 10p. Inédito.
- \_\_\_\_\_. 1995. Impact of environmental fluctuation on pre-Columbian Amazonian populations. Abstracts, 94<sup>th</sup> Annual Meeting.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Transpacific voyages from Japan to America*. Report on visit to Japan sponsored by the John Manjiro-Whitfield Commemorative Center for International Exchange, East Historical Society, and JAOMON Culture Research Group. Kochi Prefecture Cultural Properties Survey Report, 1995: Japanese pp. 106-112; English pp. 131-136. Shimizu city Committee for Education.
- \_\_\_\_\_. 1997. La Cerámica Temprana en América del Sur.? Invención Independiente o Difusión? *Revista de Arqueologia Americana* 13, jul.-dic.
- \_\_\_\_\_. 1999. El contexto ecológico Del Formativo. In *Paulina Ledergerber-Crespo*, Ed., *Formativo sudamericano: una revaluación*, pp. 383-393. Abya-Yala.
- \_\_\_\_\_. 2005. The subversive significance of transpacific contact. *NEARA Journal* 39:22-29.
- \_\_\_\_\_. 2008. Las culturas formativas de la costa del Ecuador: nuevas perspectivas. *Miscelánea Antropológica Ecuatoriana*, Segunda Época 1(1):16-39. Guayaquil.
- \_\_\_\_\_. 2010. Review of Handbook of South American Archaeology, edited by Helaine Silverman and William H. Isbell. *International Journal of South American Archaeology* 7:72-82.
- Meggers, Betty J.; Evans, Clifford. 1957. Archeological Investigations at the Mouth of The Amazon. Washington, D.C., *Bur. Amer. Ethnol. Bull.* 167. 664p, 206 figs. 112 plates, 52 appendix tables.
- \_\_\_\_\_. 1962. The Machalilla Culture: An Early Formative Complex on the Ecuadorian Coast. *American Antiquity* 28(2): 186-192.
- \_\_\_\_\_. 1966. A Transpacific Contac in 3000 B.C. *Scientific American* 214(1):28-35. Jan. Il.
- \_\_\_\_\_. 1970. *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica: Manual Para Arqueólogos*. Washington, D.C., Smithsonian Institution. 111p. Il.
- \_\_\_\_\_. 1985. A utilização de sequências cerâmicas seriadas para inferior

- comportamento social. *Boletim Série Ensaio* 3, Instituto de Arqueologia do Brasileira. Rio de Janeiro.
- Meggers, Betty J.; Evans, Clifford; Estrada, Emilio. 1965. *Early Formative Period of Coastal Ecuador: the Valdivia and Machalilla Phases*. Washington, D.C., Smithsonian Contributions to Anthropology, V.1, 234p. Il.
- Miller, Eurico Th. 1961. Pesquisas arqueológicas em campo aberto. “II Encontro de Intelectuais de São Paulo”. São Paulo/SP, 21a26 de agosto de 1961. 38 p., il. (inédito).
- \_\_\_\_\_. 1966. I Semana Arqueológica de Taquara. SEC/DCC/MARSUL - RS/BR e Smithsonian Institution - USA. Taquara/RS, Jun./1966 (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: PRONAPA. (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas): Resultados Preliminares do Primeiro Ano, 1965-1966. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 6:15-38, Il.
- \_\_\_\_\_. 1969a. Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-1: Cerrito Dalpiaz. Iheringia, *Mus. Riogrand. Ciên. Nat.*, Porto Alegre, Antrop. 1: 43-112, il.
- \_\_\_\_\_. 1969b. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Noroeste do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai).
- \_\_\_\_\_. 1970. As Tradições Taquara e Itararé como uma só Tradição. XXXIX Congresso Internacional de Americanistas. Lima, Perú, 1970. 12 p., Il. (Inédito)
- \_\_\_\_\_. 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande Do Sul. Rios Uruguai, Pelotas e das Antas. In: PRONAPA (Programa Nacional De Pesquisas Arqueológicas). Resultados Preliminares do Quarto Ano. 1968-1969. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 15: 37-70.
- \_\_\_\_\_. 1974a. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional do Rio Grande do Sul. In: PRONAPA. (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas): Resultados Preliminares do Quinto Ano, 1969-1970. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 26:11-24, Il.
- \_\_\_\_\_. 1974b. Relatório Preliminar Das Pesquisas Arqueológicas Realizadas em Mato Grosso e Rondônia, Programa Paleoindio e Paleoambiente. Taquara, RS, MARSUL & SI-USA, 1974. 14p. Mapa (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1974c. Pesquisas Arqueológicas em Abrigos-Sob-Rocha no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: Progr. Nac. de Pesq. Arqueol. Quinto Ano 1969-70. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 26:11-24, Il.
- \_\_\_\_\_. 1975. Relatório Preliminar Das Pesquisas Arqueológicas Realizadas Em Mato Grosso. PROPPA-Programa Paleoindio e Paleoambiente. Taquara, RS, MARSUL & SI-USA, 1975. 15p. Mapa (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1977. Relatório Preliminar Das Pesquisas Arqueológicas Realizadas Em Mato Grosso. Prog. Nac. Pesq. Arqueol. Na Bacia Amazônica. Taquara, RS, MARSUL & SI-USA, 1977. 16p. Mapa (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1978a. Relatório Preliminar Das Pesquisas Arqueológicas Realizadas No

- Território Federal De Rondônia -1978. 10p. Mapa. (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1978b. Breve Reconhecimento Arqueológico da “Ilha” Monte Castelo na Fazenda Governamental de Pau d’Oleo, Rondônia. Porto Velho, SEDEAM/Rondônia. 3p. Il. (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1978c. Relatório Preliminar das Pesquisas Arqueológicas Realizadas no Território Federal de Rondônia. 10 p. Mapa. (Inédito)
- \_\_\_\_\_. 1979. Relatório Preliminar das Pesquisas Arqueológicas Realizadas no Sudoeste do Estado do Amazonas - Médio Rio Madeira. 10p. Mapa. (Inédito)
- \_\_\_\_\_. 1980a. Reconhecimento de Sambaquis Fluviolacustres no Pantanal do Rio Guaporé, Rondônia; Primeiras Prospecções. Porto Velho, SEDEAM/ Rondônia. 6p. Il.(Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1980b. Relatório Preliminar das Pesquisas Arqueológicas Realizadas nos Rios Madeira, Mamoré e Guaporé. Mapa. (Inédito)
- \_\_\_\_\_. 1983a. História da Cultura Indígena do Alto Médio-Guaporé (Rondônia e Mato Grosso). Porto Alegre, Pontificia Univ. Católica do RGS, Mestrado - História da Cultura.
- \_\_\_\_\_. 1983b. Pesquisas Arqueológicas em Sambaquis Fluviolacustres no Noroeste do Pantanal do Rio Guaporé, Rondônia. Porto Velho, Relatório SECET/Rondônia, 15p. Il.(Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1985a. Os Sítios Arqueológicos em Rondônia e Sudoeste da Amazônia Brasileira. In: Compêndio de História e Cultura de Rondônia. Fund. Cult. Est. Rondônia - FUNCEP Relat. Encon. Est. Rest. Preserv. Patrim. Hist. de Rondônia. Porto Velho, SECET/Rondônia, 10p. Il.
- \_\_\_\_\_. 1985b. Faixa Cronoarqueológica do Sudoeste Amazônico e Culturas nela Inseridas até o Presente. In: III Reunião Científica da SAB. Goiânia-Goiás, Set. 16p., Il. (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1986a. A Ocupação Humana Pré-Histórica do Pantanal do Guaporé. Anais. V Encontro de Pesquisadores da Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- \_\_\_\_\_. 1986b. As Fases Sinimbu e Bacabal (em Sambaquis do Pantanal do Guaporé). Relatório, Smithsonian Institution - USA. 9 P., Il. (Inédito)
- \_\_\_\_\_. 1986c. A SECET e o Meio Ambiente. XI Forum Nacional de Secretário de Cultura. Salvador, Bahia, Maio. 3p.
- \_\_\_\_\_. 1987a. Projeto de Avaliação do Potencial Arqueológico na Área de Influência da Rodovia BR-429 - Presidente Médici/Costa Marques, Rondônia, 1986. Relat. GERO/ SEPLAN, Porto Velho-Rondônia/Brasil,. 26p. Il.
- \_\_\_\_\_. 1987b Projeto de Avaliação do Potencial Arqueológico na Área de Abrangência da UHE Ji-Paraná, 1986, Nota Prévia. Relatório Eletronorte - CNEC, Brasília - São Paulo. 63p., 14 Fig. 15 Est. (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1987c. Inventário arqueológico da bacia e sub-bacias do rio Madeira, 1974 - 1987. Relatório, Eletronorte - CNEC, Brasília - São Paulo. 55 p., mapa.

- \_\_\_\_\_. 1987d. Relatório Preliminar das Pesquisas Arqueológicas Realizadas na Área da Usina Hidroelétrica de Samuel, (25-05 a 30-11/1987). Projeto Arqueológico UHE Samuel. Salvamento, Rio Jamari, Rondônia, Brasil. Governo de Rondônia/SECET - Eletronorte, Porto Velho - Brasília. 25 P. Mapa, 4 Fig. (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1992c. Adaptação Agrícola Pré-Histórica no Alto Rio Madeira. In: Meggers, B.J., Ed., *Prehistoria Sudamericana; Nuevas Perspectivas*. Segundo Simposio Conmemorando el Quinto Centenario, National Museum of Natural History, Smithsonian Institution, Washington, D.C., Oct. 1988. Chile, Ed. Universitaria, P.219-229. Il. Taraxacum.
- \_\_\_\_\_. 1994. Avaliação do Potencial Arqueológico da UHE Guaporé, MT. Relatório encaminhado à CEMA-Consultoria em Meio Ambiente. Brasília. 1994 (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 1999. A Limitação Ambiental como Barreira à Transposição do Período Formativo no Brasil. In: Paulina Ledergerber-Crespo, Ed., *Formativo sudamericano; una revaluación*, pp. 331-339. Abya Yala, Quito.
- \_\_\_\_\_. 2007. Seqüências seriadas quantitativas aplicadas às Culturas, Cerâmicas e Pré-cerâmicas Arqueológicas, e Interpretações de seus Resultados sob Efeitos do Meio Ambiente. In: I Seminário de Arqueologia de Sul – Americanistas na Amazônia Ocidental. De 25 a 26 de outubro de 2007, Universidade Federal de Rondônia – UNIR (Inédito).
- \_\_\_\_\_. 2009a. Pesquisas Arqueológicas no Pantanal do Guaporé-RO, Brasil: a Seqüência Seriada da Cerâmica da Fase Bacabal. In: Meggers B.J. Org., *Arqueologia Interpretativa. O Método Quantitativo para o Estabelecimento de Sequências Cerâmicas: Estudo de caso*. 2002. Marcos A. C. Zimmermann et al. Porto Nacional, UNITINS. Pp.103-17. Il.
- \_\_\_\_\_. 2009b. “A cultura cerâmica do Tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia - Brasil”. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 1(1): 35-136.
- \_\_\_\_\_. et al. Orgs. 1992a. In: Eletronorte. Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte; Resultados Preliminares, Brasília.
- \_\_\_\_\_. 1992b. As Fases Pré-Cerâmicas Itapipoca, Pacatuba e Massangana Agrícola. In: Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte; Resultados Preliminares. Eurico Th. Miller et al. (Orgs.). Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A. Brasília - DF. P. 32-38, Il.3
- Miranda, F. M. 1964. Os aborígenes da América do Sul. In: *História das Américas*. 5.ed. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense, 2:400p., 1964. Il.
- Missão Rondon. 2003. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas / sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915. Brasília: Senado Federal, 284 p. (Edições do Senado Federal; 8)
- Muñoz, Cristina. Betty J. Meggers y Clifford Evans en la Arqueologia Ecuatoriana. In: Echeverria, José A. (Ed.). Betty J. Meggers: setenta y cinco años de trayectoria exitosa en la arqueologia sudamericana. Kirugraphics Cia. Ltda, Quito, Ecuador. 2012. pp. 139-147. Il.

- Oyuela-Caycedo, Augusto y Renée M. Bonzani. 2005. San Jacinto 1: a historical ecological approach to an archaic site in Colômbia. Tuscaloosa, University of Alabama Press.
- PRONAPA, Resultados Preliminares do 3º ano, 1967-1968. *Publ. Avul. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 12. 33p. il. 1969.
- Puttkamer, Jesco Von. 1979. Man in the Amazon: Stone Age Present Meets Stone Age Past. *National Geographic* 155(1):60-83.
- Rodrigues, Arion D. 1958. Classification of Tupi-Guaraní. *Int. J. Am. Ling.*, Blomington, Indiana U.S.A. 24:231-234.
- \_\_\_\_\_. 1964. A classificação lingüística do tronco Tupi. *Revista de Antropologia*, 12 (1-2):99-104.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- \_\_\_\_\_. 1988. *Proto-Tupi evidence for agriculture*. Trabalho apresentado na 1st International Ethnology Conference. Belém.
- Reichel-Dolmatoff G. 1965. "Excavaciones arqueológicas en Puerto Hormiga" (Departamento de Bolívar) *Antropologia* 2, BOGOTA, Ediciones de la Universidad de los Andes.
- \_\_\_\_\_. 1972."The Cultural Context of Early Fiber-Tempered Pottery in Northern Colombia", *Anthropological Society Pubs*, 6:1-8, Florida.
- \_\_\_\_\_. 1985. Monsú. Un sitio arqueológico, Bogotá, Biblioteca Banco Popular.
- Raymond, Scott; Augusto Oyuela-Caicedo, and Patrick H. Carmichael. 1998. The Earliest Ceramic Technologies of the Northern Andes: A Comparative Analysis. *MASCA Research Papers in Science and Archaeology*, Supplement to vol. 15 (Fig. 8).
- Roosevelt, Anna C., R.A. Housley, M. Imazio da Silveira, S. Maranca y R. Johnson. 1991."Eighth Millennium Pottery From A Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon", *Science* 254:1621-1624.
- Roosevelt, Anna C., 1995. "Early pottery in the Amazon: Twenty years of scholarly obscurity, The Emergence of Pottery, William K. Barnett y John W. Hoopes, eds.,pp.115-131. Washington DC, Smithsonian Institution Press.
- Roosevelt, Ana C. et al. 1996. Paleoindian Cave Dweijers in the Amazon: The Peopling of the Americas. *Science* 272:373-384.
- Simões, Mário F., 1972. Índice das fases arqueológicas brasileiras. 1950- 1971. *Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi* 18:14-16, 18, 19, 22-24, 26, 34-36, 39-41, 46, 47, 52, 53, 56-60, 69, 72. il. Belém.
- \_\_\_\_\_. 1981. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). Nota preliminar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Antropologia*, 78: 1-26, il. Belém.
- Simões, Mario F. e Araujo-Costa, F. 1978. *Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n. 30.

- \_\_\_\_\_. 1983. *Pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos na Amazônia Legal Brasileira. 1978-1982*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi (Publ. Avulsas, 38). p. 15, (34-38, 62-78, 85-87, 96.)
- Suguió, Kenitiro. 1999. *Geologia do Quaternário e mudanças ambientais*. São Paulo: (passado+presente=futuro?) Paulo's Comunicação e Artes Gráficas.
- Zimpel Neto Carlos A. 2009. Na direção das periferias extremas da Amazônia: arqueologia na bacia do rio Jiparana, Rondônia. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. MAE/USP, São Paulo.

*Data recebimento: 04/12/2012*

*Data aceite: 15/08/2013*